



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA  
CENTRO DE COMUNICAÇÃO TURISMO E ARTES  
DEPARTAMENTO DE ARTES CÊNICAS  
CURSO DE LICENCIATURA EM DANÇA**

**JEAN DE LUCENA HORTÊNCIO**

**ANDANÇAS: A TRAJETÓRIA DE VANT VAZ NA CULTURA HIP HOP E SUAS  
CONTRIBUIÇÕES PARA A CENA DAS DANÇAS URBANAS EM JOÃO PESSOA**

**JOÃO PESSOA**

**2020**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA  
CENTRO DE COMUNICAÇÃO TURISMO E ARTES  
DEPARTAMENTO DE ARTES CÊNICAS  
CURSO DE LICENCIATURA EM DANÇA**

**JEAN DE LUCENA HORTÊNCIO**

**ANDANÇAS: A TRAJETÓRIA DE VANT VAZ NA CULTURA HIP HOP E SUAS  
CONTRIBUIÇÕES PARA A CENA DAS DANÇAS URBANAS EM JOÃO PESSOA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado a coordenação do curso de licenciatura em Dança como requisito parcial para obtenção do título de licenciando pela Universidade Federal da Paraíba.

**Orientadora: Profª. Ms. Candice Didonet**

João Pessoa

2020

**Catalogação na publicação  
Seção de Catalogação e Classificação**

H822a Hortêncio, Jean de Lucena.  
Andanças: A trajetória de Vant Vaz na cultura Hip Hop e suas contribuições para a cena das Danças Urbanas em João Pessoa / Jean de Lucena Hortêncio. - João Pessoa, 2020.  
53f. : il.

Orientação: Candice Didonet.  
Monografia (Graduação) - UFPB/CCTA.

1. Cultura. 2. Hip Hop. 3. Danças Urbanas. 4. Tribo Étnos. 5. Vant Vaz. I. Didonet, Candice. II. Título.

UFPB/CCTA

JEAN DE LUCENA HORTÊNCIO

**ANDANÇAS: A TRAJETÓRIA DE VANT VAZ E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA A  
CENA DAS DANÇAS URBANAS EM JOÃO PESSOA**

Trabalho de Conclusão de Curso na área de Licenciatura em Dança da Universidade Federal da Paraíba, apresentada aos examinadores como exigência para a obtenção do título de Licenciada.

João Pessoa, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2020

Resultado: \_\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Ms. Candice Didonet

---

Prof. Dra. Líria de Araújo Morais

---

Prof. Dr. Victor Hugo Neves de Oliveira

## AGRADECIMENTOS

Tenho como imensa satisfação agradecer primeiramente a fé que tenho em Deus, pois sem ele eu não teria coragem para seguir em frente.

Agradeço ao incentivo de Juliana Costa Ribeiro, minha primeira orientadora neste trabalho que foi iniciado aos diálogos com ela, e por sua compreensão diante das minhas dúvidas.

Também sou bastante grato a minha orientadora Candice Didonet, por seu carinho e sabedoria nas minhas orientações.

A banca examinadora, Líria de Araújo Moraes e Victor Hugo Neves de Oliveira por aceitarem esse convite tão especial.

Aos professores do Curso de Licenciatura em Dança da UFPB, por cada ensinamento e persistência diante dos estudos que abordavam, ao longo desta caminhada.

A Dionilson César por sua colaboração nos pequenos detalhes deste trabalho.

Venho também expressar meus votos de agradecimentos a minha companheira Jéssica Sena, por seu apoio e sensibilidade nos momentos mais especiais e que ela assim sempre se fez presente ao longo deste curso.

Diante dos tempos que passamos juntos, agradeço a minha turma de licenciatura em Dança 3, que com os momentos vivenciados foram de extrema importância para que hoje eu estivesse mais fortalecido para chegar até aqui.

Ao meu amigo de infância e que começou comigo na dança, Adailson de Araújo Guedes, pelas reflexões que sempre fazemos quando estamos juntos, na busca por um apoio mútuo visando o crescimento pessoal e profissional.

Ao meu professor de Danças Urbanas Valmir Vaz e o coletivo Tribo Étnos, por todos os carões que foram necessários, ensinamentos, diálogos pessoais, ou seja, pelo apoio e paciência ao longo de 18 anos incessantemente ao lado.

Aos meus pais que direta e indiretamente lutam pela qualidade de minha educação e valorização de minha pessoa, sem a determinação de meu pai e o companheirismo de minha mãe, minha base não seria solida o suficiente para trilhar esta e demais jornadas que estão por vir.

Por fim, agradeço a minha persistência em tentar adentrar na universidade e não desistir de lutar pelo que acredito, por minha convicção de que através do diálogo mudamos perspectivas negativas. Agradeço também por eu ser transparente não apenas com os que

comigo convivem, mas comigo mesmo, para que assim eu não tenha medo de errar para mais a frente melhorar.

## **RESUMO**

O presente trabalho tem por finalidade apresentar um breve histórico da vida de Valmir Vaz, mais conhecido por seu nome artístico: Vant Vaz. Um ser humano multiartista que dedicou grande parte de seu tempo às diversas artes. Sua paixão pela dança emergiu na cultura Hip Hop e suas contribuições são muitas na cena das artes paraibanas. Através das danças urbanas Vant Vaz pôde contribuir para a cena da cultura Hip Hop com a formação do coletivo Tribo Étnos. Esse texto foi escrito por meio de depoimentos pessoais, inspirados na metodologia de Maria Isaura de Queiroz (1987) e com uma escrita que oscila entre relatos poéticos e cordéis desenvolvem -se como bases de uma letra de rap. Além de contextualizar parte da vida de Vant Vaz se fez necessário transmitir nesse texto pontos importantes que aconteceram na história da cultura Hip Hop e das danças urbanas no que diz respeito a cidade de João Pessoa. Aqui, apresentam-se influências das gerações de dançarinos e grupos subsequentes da cidade também através de minhas próprias vivências ao longo de 18 anos como atuante na cultura Hip Hop. A pesquisa se encerra com uma reflexão baseada em Elisa Gonsalves (2012), onde se destacam os frutos gerados na relação professor/aluno em dança ao longo deste tempo com Vant Vaz. Para que esta pesquisa de caráter qualitativo, descritivo e bibliográfico fosse desenvolvida, foram coletados arquivos de mídias pessoais, como também foram realizadas entrevistas com o próprio Vant, familiares e pessoas relevantes do meio da dança, e que tiveram momentos de entrelaçamentos.

**Palavras-chaves:** Cultura. Hip Hop. Danças Urbanas. Tribo Étnos. Vant Vaz.

## **ABSTRACT**

The present work aims to present a brief history of the life of Valmir Vaz, better known by his stage name: Vant Vaz. A multi-artist human being who devotes much of his time to various arts. His passion for dance emerged in the Hip Hop culture and his contributions are many in Paraiba's art scene. Through urban dance, Vant Vaz can contribute to a scene of Hip Hop culture in the collective Tribo Étnos. Through personal testimonies, inspired by the methodology of Maria Isaura de Queiroz (1987) and with the writing that oscillates between stories of poetics and chapbooks, developed as bases of rap lyrics. In addition to contextualizing part of Vant Vaz's life, it was necessary to transmit the text important points that happened in the history of Hip Hop culture and urban finance that do not respect the city of João Pessoa. Thus, the influences of dancers and subsequent groups in the city are contextualized also through my vibrations lived over 18 years of acting in Hip Hop culture. It ends with a reflection focused on Elisa Gonçalves (2012), and we highlight the fruits generated in the professor/student relationship in dance throughout this time with Vant Vaz. For this qualitative, descriptive and bibliographic research, personal media files were collected, as well as interviews with Vant himself, family members and relevant people from the dance environment, who had moments of intertwining together.

**Keywords:** Culture. Hip hop. Urban Dances. Tribe Étnos. Vant Vaz.

## **Lista de Figuras**

<b>Figura 1.</b> Grupo "Elétrico" .....	21
<b>Figura 2.</b> Tribo Étnos – Alex, Joseane, Fabio e Vant.....	24
<b>Figura 3.</b> Tribo Étnos, escadaria da academia sonho D'agua.....	26
<b>Figura 4.</b> Flyer de minha primeira apresentação na Tribo Étnos, Havanas Club .....	27
<b>Figura 5.</b> Cartaz do 1º Encontro de dança de rua em João Pessoa .....	29
<b>Figura 6.</b> Cartaz do 2º Encontro de dança de rua em João Pessoa .....	31
<b>Figura 7.</b> Cartaz do 3º Encontro de dança de rua em João Pessoa, Galpão 14.....	32
<b>Figura 8.</b> Cartaz do 4º Encontro de dança de rua em João Pessoa .....	34
<b>Figura 9.</b> Cartaz do 5º Encontro de dança de rua em João Pessoa, praça da paz nos Bancários .....	36
<b>Figura 10.</b> Cartaz do 6º Encontro de dança de rua em João Pessoa, praça da paz nos Bancários .....	37
<b>Figura 11.</b> Cartaz do 7º Encontro de dança de rua em João Pessoa, Espaço Cultural.....	39
<b>Figura 12.</b> Foto dos participantes do primeiro evento experiMENTAL. ....	48

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>11</b>
<b>CAPÍTULO I – HIP HOP.....</b>	<b>15</b>
<b>1.1 Vant Vaz.....</b>	<b>17</b>
<b>CAPÍTULO II - QUE TRIBO É ESSA?.....</b>	<b>21</b>
<b>2.1 Encontros de Dança de rua em 2006.....</b>	<b>28</b>
<b>2.2 Encontro de Dança de Rua em 2007 .....</b>	<b>35</b>
<b>2.3 Último Encontro de Dança de Rua.....</b>	<b>38</b>
<b>CAPITULO III - SEMENTE QUE GERA SEMENTE .....</b>	<b>43</b>
<b>3.1 Frutos da dança .....</b>	<b>46</b>
<b>4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>50</b>
<b>5. REFERÊNCIAS .....</b>	<b>52</b>

## INTRODUÇÃO

Atualmente em João Pessoa/PB, as Danças Urbanas têm uma boa visibilidade. Cada vez mais as escolas, academias e ONGs, têm buscado professores que trabalham com a cultura *Hip Hop*. O acesso a projetos de incentivo aumentou. Com isso, há mais espaços para apresentações, porém, nem sempre foi assim. Para que hoje o acesso a essa cultura que é tão marginalizada, esteja mais evidente, pessoas trabalharam arduamente, dentre elas Valmir Vaz, conhecido por seu nome artístico, Vant Vaz.

O presente trabalho busca compreender quais as contribuições que o artista Vant Vaz desenvolveu ao longo de sua trajetória na arte de João Pessoa/PB, tendo maior foco na cultura *Hip Hop*, em especial as Danças Urbanas. Muitos dançarinos atuantes trazem em seus discursos que são autodidatas, logo excluem uma trajetória que foi desenvolvida para que a cultura *Hip Hop* esteja ativa hoje na cidade de João Pessoa.

Sendo de suma importância conhecer e entender a linhagem na cultura *Hip Hop*, Vant Vaz é um persistente nesta cultura, atuando como professor e tendo mais de trinta anos de trabalhos desenvolvidos na arte em geral, na cidade. Vant sempre esteve envolvido em causas sociais, sendo esta, uma das maiores motivações para trilhar os caminhos da arte. Fundando um projeto Tribo Étnos como forma de disseminar a arte. A busca por espalhar o que vinha aprendendo, a troca de experiências é seu combustível.

Porém, o que antecede a Tribo Étnos, poucos têm conhecimento. Como se construiu o artista Vant Vaz? Para isso, buscarei palavras que foram experimentadas desde o começo do curso de Licenciatura em Dança da UFPB, por poesias que adentram por capítulos, assim como escoam ao final de alguns capítulos, me colocando a refletir diante de poesias nesses meios termos. Tais poesias me influenciaram especificamente desde o período que fui aluno bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), onde fiz cordéis semanais, que ficavam como registro dos momentos. Aqui, neste trabalho, estarei em momentos me deixando levar por tais palavras que, eu, acredito estar entrelaçada à minha vivencia.

No primeiro capítulo buscarei mostrar um pequeno apanhado da cultura *Hip Hop*, para que assim possamos entender que arte é essa que Vant se insere. Desta forma, entender como iniciou sua trajetória na arte/dança, conhecer algumas de suas influências para que ele pudesse traçar seus caminhos, ou “Andanças”, palavra que tanto escutei Vant se referenciar. E que eu muito me espelho as andadas — (An) e danças = “Andanças”, por isso os caminhos trilhados pela dança nomearei de “Andanças”. Para isso, mergulho numa escrita poética que venho produzindo através de cordéis e letras de rap, referência mais que enraizada do *Hip Hop*. Além

disso, pretendemos desenvolver essa pesquisa abordando os depoimentos pessoais como recursos metodológicos, pautando-nos nos estudos de Maria Isaura de Queiroz (1987), socióloga brasileira reconhecida internacionalmente pelos seus trabalhos nas ciências sociais, que pensa na diferença entre história de vida e depoimento pessoal. Neste trabalho será utilizado o formato de depoimento pessoal, onde o pesquisador pode se colocar levando a entrevista, para um aspecto mais próximo de seu recorte de pesquisa.

Vant Vaz ao longo de sua carreira artística envolveu-se nas artes plásticas, quadinhos, na música e principalmente na Dança, onde teve maior desfecho e que se diz apaixonado por essa arte que o mesmo atua como professor. Estando também inserido na coordenação de um projeto o qual ele foi um dos fundadores. Ele tem a Tribo Étnos como algo de grande importância na sua vida.

Através da Tribo Étnos que é um projeto de artes integradas, Vant alcançou grande visibilidade. Tendo ele esta visão que agrupa as múltiplas artes como filosofia de vida, onde não apenas temos um projeto de artes, mas também se fundamenta em valores que abordam a ética, cidadania e a união dos povos. Seguindo através da arte, Vant nunca se contentou em absorver conteúdos pré-estabelecidos, padrões e/ou elementos que não o façam refletir sobre. A Tribo Étnos traz um pouco desse viés, para forma de trabalhar no âmbito da dança, um caminho que almeja de maneira serena, e no que ele acredita ser uma possibilidade mais plural na arte.

A Tribo Étnos, como Vant sempre ressaltou, é um espaço que traz diversos elementos culturais, que agrupa e que não separa, que também é um combustível para sempre estarmos questionando, para que não fiquemos acomodados. E que ele tem essa prática, como um sentido de dar continuidade aos seus trabalhos e não apenas isso, mas nas maneiras de se relacionar com o próximo, independente de quem seja, buscando sempre a comunhão por intermédio da arte.,

O que é a tribo Étnos? Através da tribo Étnos o que a cidade ganhou? Como a Cultura *Hip Hop* se disseminou pela cidade? Que tribo é essa? É o capítulo que será pontuado sobre o coletivo Tribo Étnos, projeto esse que o Vant é um dos fundadores, e que ele alinhou em sua vida como proposta de propagar arte. Onde através dele fez e faz grandes diferenças na cultura paraibana. Aqui conheceremos um pouco desse grande projeto, assim como os encontros de dança de rua, que aconteceram na cidade e foi um divisor de águas na cidade de João Pessoa, para a cena das Danças Urbanas, promovidas pelo coletivo Tribo Étnos.

Na terceira parte refletiu sobre questionamentos que mais fiz ao longo deste período, quais as sementes que foram geradas em minha vida? O que mudou enquanto eu sou artista?

Falarei sobre a semente que gera semente, fazendo um paralelo sobre minhas experiências, de como se desenvolveu minha relação enquanto aluno de Vant e andarilho no projeto Tribo Étnos e que linhas foram costuradas nessa caminhada enquanto artista da Dança. E como foi esta relação professor (a) /aluno (a) durante todo este período, para isto, pauto sobre caminhos ao lado de Elisa Gonsalves com a curva pedagógica (2012), para que assim o diálogo surja com mais clareza nos pontos abordados.

Na cultura *Hip Hop* é de grande importância o lema: paz, amor, união e diversão. Em conjunto com a cultura Urbana, Vant plantou várias sementes nas comunidades em situação de risco social, levando sempre o conhecimento como ponto de partida, mas claro, sempre fazendo jus ao lema da cultura.

Durante o período que Vant ministrou aulas em diversos lugares, fui percebendo como o *Hip Hop* faz diferença em propagar o respeito, amor, conhecimento, sempre com diversão para os jovens que estão por serem futuros propagadores desta cultura. Ao compreender esta importância e as contribuições que o mesmo oferece na formação dos sujeitos, me senti motivado a desenvolver esta pesquisa. Este trabalho foi desenvolvido através de uma pesquisa bibliográfica de caráter qualitativo sobre Vant Vaz e suas contribuições na cultura *Hip Hop* da cidade de João Pessoa/PB.

Faço-me presente nos trançados deste trabalho para apresentar como este mestre das Danças Urbanas, influenciou meus passos como artista e claro, também como ser humano. Conviver ao lado dele por 18 anos na dança, é plantar e regar uma semente e aqui mostro o quanto amadureci e continuo amadurecendo. Aqui busco espaço para pensar: que aluno/professor é esse que venho me tornando? No que me influenciou estar imerso num projeto multicultural que é a Tribo Étnos, atuante como corpo de dança e também coreógrafo por mais de 15 anos? Essas e outras perguntas motivaram a presente pesquisa.

Concluo esta pesquisa, falando como através dessas experiências foi possível descobrir e redescobrir seus valores, pessoas e lugares que tiveram influências em minhas decisões. O que ficou ao longo desse período de aprendizado, o que almejei, por onde busquei trilhar caminhos, o que me motivou a ser resistência nesse contexto que vivemos, e que professor/mediador/facilitador é esse que me tornei na cultura *Hip Hop*.

Para que a pesquisa fosse possível acontecer, busquei registrar através de entrevistas, questionários e diálogos com amigos, conhecidos, simpatizantes, dançarinos do mesmo período que o Vant teve início nas Danças Urbanas. Em seguida com gerações subsequentes de dançarinos e também as mais atuais, como também o próprio Vant Vaz, como e quais foram as

suas contribuições para a dança e para a cena da arte em geral na cidade, tendo como foco as Danças Urbanas.

## CAPÍTULO I – HIP HOP

Sobre o *Hip Hop* vamos conversar, difícil ter ao certo uma data, já que as construções sobre essa cultura, vem de uma caminhada por periferias, logo, as certezas ficam um pouco de lado e as possibilidades chegam como rastros de registros assertivos. No livro “Dança de Rua” (2011) de Ana Cristina Ribeiro, professora de Educação Física, coreógrafa e dançarina, responsável por implantar o curso de extensão universitária intitulado “Danças Urbanas” na Unicamp, e Ricardo Cardoso, também professor de Educação Física com Licenciatura plena pela Puc-Campinas e professor de Danças Urbanas, conhecido como (Kico Brown) representante oficial do *Battle of The Year Worlwide* na América Latina desde 2007, ambos pesquisadores da cultura *Hip Hop*, nos trazem uma possível versão de como surgiu essa cultura.

O grande berço da cultura Hip Hop foi sem dúvida os guetos de Nova Iorque com a mistura de diferentes etnias e influenciado por toda a revolução gerada na década de 1960 com a música funk, assim como pelos ideais defendidos por grandes líderes afro-americanos Malcom X, Panteras Negras, Martin Luther King, dentre outros. ” (CARDOSO; RIBEIRO, 2011, p. 15).

Aqui Ribeiro e Cardoso (2011) nos colocam um início do surgimento desta cultura, onde através de grandes influenciadores, fizeram revolução, e a música Funk teve seus pontos de ebulação para esta ponte. Para os atuantes desta cultura, é compreensível citar Nova York no bairro do *Bronx* como local de referência, sendo um dos locais nos Estados Unidos que mais recebia imigrantes, que ficou marcado como polo desta cultura.

Registros mostram quanto o bairro do Bronx nos anos de 1970 teve uma violência exacerbada pelas gangs periféricas, os conflitos eram bastantes evidentes. E devido a quantidade de imigrantes as gangs eram formadas por jovens de origens latinas e negros, fazendo práticas de crimes como forma de sobrevivência e assim contribuindo com a visão excludente que existia pelo bairro, já que era um local extremamente perigoso.

E em meio a tais situações no Bronx, um dos mais citados a ter consolidado a cultura *Hip Hop* é o Dj Jamaicano, Clive Campbell, conhecido como Kool Herc. Considerado como um dos fundadores da cultura *Hip Hop*, por suas festas (Block parties) envolverem diversas pessoas nas ruas. Quando Herc chegava em seu carro e ligava seu sound system, uma espécie de mini-trio elétrico que estava acoplado em seu carro. Em meio ao caos que ali acontecia, nos locais que Herc tocava, agregava diversas pessoas.

Através de uma festa que Kool Herc fez em conjunto com sua irmã, Cynd Campbell, que pouco é citada, já que a mesma produziu a festa em comemoração ao seu aniversário, em 11 de

agosto de 1973 na avenida Sedgwick, 1520. Cynd chamou seu irmão para ser o *Dj* e arrastar pessoas para compor a festa que aconteceu no porão de sua casa, esse momento devido a sua proporção foi simbolicamente considerado como data de surgimento do *Hip Hop*.

Responsável pela disseminação das festas ao ar livre, as Block parties, em Nova York, em 1969, e considerado o primeiro a misturar rap e reggae, o Dj Kool Herc, que saiu do seu país – Jamaica – devido à forte crise econômica de 1967, com seu potente equipamento de som (o Soud System Herculoids) circulavam lentamente pelo Bronx até para em uma praça ou estacionamento, podemos assemelha-lo a um trio elétrico Baiano. (CARDOSO; RIBEIRO, p. 16, 2011).

Vale salientar que a data comemorada, é no dia 12 de novembro. Possivelmente porque em 1973 outros Djs também foram surgindo, e tiveram semelhança ao formato de discotecagem de Herc, que utilizou dois discos iguais. Desenvolvendo uma mixagem alternada, trazendo a “ilusão” que a música nunca acabaria. Dentre eles, o mais conhecido, Afrika Bambaataa, que fundou a Zulu Nation, que através da preocupação dos conflitos dos jovens, buscou desenvolver arte e cultura para eles, e através do lema paz, amor, união e diversão, foi estabelecido e definido os quatro elementos do *Hip Hop*.

O que se sabe, é que a cultura e suas definições dos quatro elementos (MC, DJ, GRAFITE e o BREAK) surgem no *Bronx*, e dentre os principais destaques estão Afrika Bambaataa e Kool Herc (CARDOSO; RIBEIRO, 2011, p.16).

Para melhor compreendermos, o Grafite, é a arte desenvolvida através da pintura, seja ela com latas de spray, galões de tinta, pinceis etc. MC (mestre de cerimônia) é quem geralmente está desenvolvendo rimas e animando a multidão através de seus versos. Dj é o responsável por colocar as músicas nos seus equipamentos, chamados de *pick-ups*. *Break/Breaking* é um estilo de dança, e quem dança este estilo é nomeado de *B.boy* (garoto) ou *B.girl* (garota), antes não tínhamos definições de estilos como temos hoje, e nos mais variados estilos que eram dançados, apenas chamavam de *Breaker*.

Existe também a versão, que pouco se fala do Dj Anthony Holloway, que até então, não vejo registros e até então talvez tenham poucos, que mostram que o mesmo popularizou em 1971 no Harlem-NY o *Hip Hop*, sem fazer referência a cultura, segundo Ribeiro e Cardoso 2011. Talvez isso tenha justificado sua ausência nas publicações.

Levando em consideração os quatro elementos desta cultura que é híbrida, por ter essas diferentes influências em seu meio e estar em constante transformação, agregando diversas pessoas, linguagens em seus amplos espaços e que luta constantemente pela igualdade social. Se considera um instrumento de transformação social os elementos da cultura Hip Hop,

contribuindo com arte, propondo reflexões, sendo uma comunidade de resistência para os menos favorecidos. Estas e outras são motivações para um dos atuantes na cidade de João Pessoa: Valmir Vaz.

Ele que é uma grande influência e foi um incentivador da cultura *Hip Hop* para João Pessoa, podemos também dizer que para o estado da Paraíba as danças Urbanas ele foi um disseminador. Ele que permeia pelos quatro elementos, no canto e também produção de letras, quadrinhos, produção musical e também na dança, claro.

Acreditamos que permeei bastante tempo pela área das danças urbanas e não mergulhei nos outros elementos, porém, desde adolescente, senti resquícios do Rap/repente em minhas veias, e com isso, podemos dizer que influenciou bastante versos e poemas que tanto escrevi. E será através desses sentimentos versificados que trarei a difícil tarefa de descrever um pouco deste artista.

De um artista vou lhes falar  
 Um pouco de artes vai saber  
 E de uma trajetória vai entender  
 Diffícil vai ser parar  
 Com tanta história para contar  
 Mas, é um prazer narrar sobre caminhos  
 Que muito influenciou amigos e vizinhos  
 De arte vou debulhar  
 E com sua paciência e seu atentar  
 De Andanças vou falar sobre glórias e espinhos.  
 (HORTÊNCIO, Jean de Lucena, 2019, diário pessoal).

## 1.1 Vant Vaz

Através de Holzmann (2009) podemos entender a diferenciação entre relato de vida e depoimento pessoal baseado em Maria Isaura de Queiroz, Holzmann mostra como o narrador através do relato de vida, traz as informações de maneira que não há intervenção em sua pesquisa.

É importante clarear que, embora na história de vida quem conduz o relato é o narrador, o comando é do pesquisador apesar de sua “não intervenção”, pois, quem escolheu o tema da pesquisa, quem formulou as questões, quem propôs os problemas foi ele. (HOLZMANN, 2009. P.46).

Seguindo esta linha de pensamento iniciaremos uma forma de dialogar sobre a vida de Valmir Vaz através de uma linha poética, deleitando frases por umas lembranças de letras de rap e cordéis, inspirados no depoimento pessoal.

Valmir Vaz da Silva, tendo como data de nascimento dia 18/03/1967 natural de João Pessoa, sua filiação o senhor José Ricardo da Silva e Maria Marly Vaz da Silva. Desde criança muito traquina, e com muita sede de cultura// na escola era uma alegria, aguçado por conhecimento não dispensava seu tempo// seu pai, dinheiro para o lanche lhe dava, mas com cautela o dinheiro guardava//.

Vant sustentava calado sua fome, para depois na esquina que virava// seus quadrinhos comprava// e assim sua fome matava// de leitura sempre era fissurado// dessa forma nada lhe passava// muito feliz nesta forma de brincar// na arte aos poucos foi adentrar// dentro do colégio na cultura popular veio a mergulhar// um pouco de quadrilha mais preciso vamos colocar//.

Após algum tempo na escola Vant ingressou no grupo folclórico, assim ele lembra e vem a debulhar sem pestanejar, através do arquivo, vozes da dança para ser mais preciso, em entrevista cedida e muito bem preenchida.

Vant fala também que aos sete anos começou a dançar, dança popular era o que fazia, mas lembrando que em seu tempo danças folclóricas assim todos diziam: Paparu, Coco de roda, Araruna, e achando pouco também se metia no Camaleão e uma Ciranda para o tempero completar, claro que não podia faltar.

Quem pensa que parou por aí muito se engana// Valmir ainda menino teve outras influências em suas andanças// final da década de 70 teve a discoteca, em conjunto com colegas e sua irmã Katia Vaz sempre iam dançar// em pequenos concursos de dança da escola sempre se fazia presente, já que os pés ardentes não queriam parar//.

Fico a questionar, o que o impulsionava a sempre ter esse fervor na arte/dança? E logo um ponto Vant coloca na entrevista, que desde pequeno o seu primeiro contato era visual, em seu bairro as festas “assustados” era uma febre. Sua mãe vinha a confirmar que seu balanço era sempre de se esperar// em seus braços quando um som vinha escutar//.

Vindo a crescer saindo da fase bebê// quando criança vendo os musicais na televisão// sua vontade era copiar sem fazer muita questão// Fred Astaire, Nicholas Brothers e também o Elvis Presley. Trazendo um encantamento ao ver e por isso sempre despertando brilho em seus olhos, fazendo um breve enunciado para o que vinha a ser concretizado.

E desta forma venho aos poucos perceber como desde sua infância a dança em sua vida vinha a lhe engrandecer// à toa não seria para que em um futuro seus ensinamentos iriam ser de grande valia, aqui na Paraíba//.

Eu como aluno há mais de quinze anos posso afirmar o que sempre vinha a me passar eu não podia desperdiçar, informações eram sempre uma certeza e nas conversas diárias vinha sempre uma extra. Sobre a vida ele falava, e de tanto escutar com os anos vim a me orientar

que fazia parte do pacote, pois ninguém diria que informação sobre dança para vida sempre me chegava com muita inspiração e sabedoria.

Após algum tempo ao chegar adentro de seu mundo// uma curiosidade me batia, o que tanto Vant conhecia? // Entre danças e conversas, um pouco vinha a saber// mas aqui na escrita pouco de seu currículo vamos ler// sabendo que em papéis não serão descritos// o quanto de experiência ele chegou a ter me dito//.

Em papo descontraído Vant me falava, que em sua época muitos jovens faziam questão de fazerem artes marciais seja por saúde, bom físico ou proteção, não sei se posso colocar que era uma “amostraçāo”. Já que mediante relatos de Vant, percebo que era uma tendência nos anos de 1980. Vant por impulso de vida já se colocava a disposição de se movimentar, fazendo da arte uma forma de se disciplinar, colocando como foco em sua vida, a filosofia das artes marciais como forma de traçar um bom caminho.

Não posso negar que ao ver este o acervo do seu currículo me chamou atenção o quāo grande é sua paixāo em se movimentar, curioso fiquei e quando ele me mostrou logo me perguntei, como pôde se desdobrar tanto? E até então pouco sabia sobre o que na dança Vant fazia. Pois, de tanto nos treinos de dança sobre as artes marciais dialogar, seus treinamentos sempre tinham momentos que introduziam com as técnicas marciais. Uma das artes que ele adquiriu Karatê – Dô Shotokan <sup>1</sup>em sua vida e em meio àquela euforia sempre vinha a incrementar.

E no começo dos meus primeiros passos ao seu lado fui sabendo de alguns lugares por onde chegou a passar, porque depois de me falar das lutas que fez agora me perguntei, e de dança o que ele fez? Foi conversando, mas também muito me passado em arquivo bem compactado. Porque de uma coisa é certa, eclético eu já ouvia e de um pouco ele me dizia, mas ao sentar, conversar e depois ler, um pouco, fui percebendo que não é fácil. Venho aqui mostrar o que de Vant pude escutar, ver e ler, para tentar descrever em palavras parte de uma vida de andanças.

De dança Vant me falava e logo vim a entender, porque sua mente borbulhava tanto, não era para pouco o que vinha em sua cabeça desde garoto, dança era uma certeza e só de cursos e workshops era uma beleza. Dentre esses leques pude me atentar que Vant fez e refez em prol de sua cultura. Nas danças urbanas, Vant fez, dança de rua contemporânea com Bouba

---

<sup>1</sup> É um dos estilos de Karate que surgiu dos ensinamentos ministrados pelo sensei Gichin Funakoshi e por seu filho, Yoshitaka Funakoshi. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Shotokan>>.

Landrille Tchouda<sup>2</sup> (cia Malka/França), workshops de: *Popping*, *Locking* e *Waacking*, com a Cia Discípulos do Ritmos (São Paulo/SP), companhia essa que tem uma grande visibilidade no Brasil pelos seus espetáculos. Onde eu também pude fazer parte deste workshop e vivenciar este momento no ano de 2011. Foi parte integrante de entender como é importante se capacitar, independentemente do tempo que temos em dança.

Imaginando eu que essas já seriam suficientes para entender que Vant sempre iniciou seus estudos nas danças urbanas a partir de suas inspirações me bastava. Mas, no período que iniciei minha caminhada com ele, o tempo foi passando, as conversas sempre aglutinando e demais cursos cheguei a fazer, e logo percebi que um mapa Vant em seu corpo ele tinha! E as informações que nele continha, eu já percebia que para ele era um tesouro.

---

<sup>2</sup> Coreógrafo da Cia Francesa Malka, onde desenvolveu o espetáculo “Boomerang” que mistura danças urbanas, culturas do mundo e cria peças inspiradas da Capoeira, do Hip Hop e dança contemporânea. Disponível em: <<https://br.ambafrance.org/Boomerang>>.

## CAPÍTULO II - QUE TRIBO É ESSA?

Em 1987 Valmir Vaz, Dinarte da Nobrega<sup>3</sup> e Fabio Palmeira<sup>4</sup>, que tiveram grandes influencias através das danças americanas, *Breaking*, na mistura do Funk e pelo Soul, fizeram participações em concursos de dança na capital, que contribuíram na germinação de dançarinos na cidade. Ao lado de Paulinho<sup>5</sup> e Roberto<sup>6</sup>, criaram o grupo “Elétrico”, e juntos começaram a movimentar a cena do *Hip Hop* e desenvolvendo também pesquisas para compreenderem melhor o que estavam fazendo.

**Figura 1.** Grupo "Elétrico"



**Fonte:** Foto de arquivo pessoal, 1990

Após participaram de vários concursos na Paraíba, selecionaram novos participantes, em 1988 juntos defenderam a academia Hércules, mudando o nome para Elétrico Cia. Hércules. Misturando *Jazz dance* e *Hip Hop dance*, conseguindo desenvolver dois concursos de dança livre, e que também apresentaram o espetáculo “Num beco” (1991) na primeira mostra de dança

<sup>3</sup> Ex integrante do grupo elétrico, companheiro de dança de Vant vaz nos anos 80 e 90.

<sup>4</sup> Fabio Palmeira, hoje empresário e dono da escola particular Decisão situada no bairro de mangabeira. Ajudou Vant nas gravações dos primeiros encontros de dança de rua em Joao Pessoa.

<sup>5</sup> Professor de Kung fú, com Vant dançou na década de 80/90 e criou o grupo elétrico ao seu lado

<sup>6</sup> Amigo de Vant Vaz e dançarino, juntos criaram o grupo elétrico e fizeram espetáculos juntos e deram início a um movimento na cena do Hip hop pelo Espaço Cultural.

do SESC apresentação que foi um pilar para os espetáculos musicais que mais tarde aconteceriam na Tribo Étnos.

Em entrevista Vant relata que em 1989, Vant mais Fábio Palmeira iniciam um movimento que durou dois anos, onde se juntavam no Espaço Cultural Jose Lins do Rego, situado em João Pessoa. Eles ensaiavam e aos poucos foram juntando mais pessoas, e assim convocaram mais praticantes de *Breaking*, *Rapper's* e *Dj's* para se encontrarem semanalmente no teatro de arena. No decorrer do tempo, as pessoas foram chegando, Vant e os demais iam com a finalidade de praticar dança, compor músicas de *Rap* e as primeiras discotecagens. Mas com o tempo foi se perdendo, a frequência foi diminuindo das pessoas e quando menos se pensou o espaço já não estava sendo mais habitado.

Vant coloca que a necessidade de se organizar nesse período, foi um dos motivos para criar o projeto Tribo Étnos. Vant, ao lado de Fábio Palmeira e Alex criam a Tribo Étnos. Tendo como intuito misturar as artes desenvolvendo um trabalho integrado da música, dança, artes plásticas, literatura, teatro e demais possibilidades que surgirem para agregar.

Desta forma, o coletivo Tribo Étnos fundado em 06 de março de 1990, é um projeto de artes integradas onde Vant, um dos criadores dentre 3 no total, sendo que o mesmo é o único que seguiu dando continuidade. Desenvolvendo várias ações educacionais, artísticas e culturais, dirigindo e produzindo alguns espetáculos, a exemplo de “Nahuxa” em 1993, “Urbanus Hip-Hópera em 1994, com integrantes da Tribo Étnos e alunos da escola de dança do Espaço Cultural. Vant coloca muito bem como ele comprehende os princípios filosóficos da Tribo Étnos, neste pequeno texto abaixo.

Tem como princípio ideológico defender uma arte e uma ciência que se fundamentem na riqueza da criação humana, na prática de uma *inclusão* estética de vários gêneros artísticos, sem distinção de “baixa” ou “alta” cultura, se utilizando tanto de elementos populares como eruditos, assim como elementos da cultura de outros países e elementos de várias regiões do Brasil, por isso a Tribo defende como ideal filosófico o encontro entre culturas e raças dentro de um contexto humanista e sobretudo na busca por uma arte transformadora, provocativa e que dê margens a reflexão. Em síntese, uma arte que aponte caminhos identitários (“Cosmopolita” ou “Cosmonativista”), que nos coloque na direção de algumas respostas ou que estimule novas perguntas e que possa estimular uma espiritualidade fundada na abertura de consciências, conectada ao micro e ao macro, ao antigo e ao novo, indo para além das tolerâncias, sem distinção de raça, etnia, gênero ou credo (VAZ, 2009, p. 02, projeto tribo Étnos).

Aqui vimos como Vant se coloca em seu projeto, como ele pensa e projeta seus ideais, traçando como filosofia de vida e a forma de se colocar no mundo. Através da Tribo Étnos ele

viu que seria a forma de se projetar no mundo e também, poder propagar aquilo em que ele acredita, ou seja, é para ele uma forma de contribuir na germinação de uma sociedade mais unitária, partilhada de saberes onde as indiferenças podem ser escutadas e assim amenizar conflitos, não permanecendo na ignorância. Durante o período que estive ativo no coletivo Tribo Étnos, tive minha trajetória refinada por esse conjunto de artistas que produzem ideias e visam melhorar o ambiente ao seu redor. Trazendo experiências por onde passam e acolhendo diversos artistas pelo mundo.

Sobre três palavras que Vant coloca no texto citado acima, transformar, provocar e refletir. É possível perceber como este projeto, por exemplo em suas canções, nos mostra uma reflexão que está à frente de seu tempo. Sempre buscando passar mensagens que gerem inquietude nos sujeitos que por elas perpassam e que aos seus redores sejam vislumbrados. A música “Canto da nação dos apátridas” (VAZ, Vant; PERGENTINO, Esmeraldo Marques. 1997) traz em sua mensagem, além de mostrar o mundo utópico, coloca em cheque a forma das pessoas se colocarem no mundo, onde que as barreiras não deveriam existir, para assim sermos mais abertos as pluralidades de culturas e nações que estamos sujeitos a nos relacionarmos.

Esta canção é uma forma de provocar através de uma mensagem artística. Posso colocar que esta é uma música que realmente mexe com a reflexão daquele que a escuta, a busca por transformar os momentos que se acreditam serem difíceis de se repensarem. E assim segue a Tribo Étnos, visando transformar, provocar, sempre deixando sua mensagem por onde passa através da arte.

Não tenho pátria  
 O que tenho é uma alma aberta  
 E um mundo a percorrer  
 Com o espírito em asas  
 No voo ao múltiplo e o único  
 Ao singular e o plural  
 Me encontro no que sou  
 Pois sou um e sou muito  
 Me vejo em você  
 E assim o quiser...  
 Você também se verá em mim  
 A minha pátria é o mundo  
 Minha nação é em todo lugar  
 Como cidadão do cosmos  
 Sou por toda raça humana  
 Celebro a vida de sempre, de antes e do amanhã  
 Vivo pelos que nascem e os que morrerão  
 Sou pelos muitos e pelos poucos que se foram

O meu país não tem sítio  
 Meu lugar não tem fronteiras  
 Meu lar não tem muralhas  
 Minha cidade não tem barreiras

Eu sou do clã das tribos  
 Eu sou da tribo dos clãs  
 Eu sou do clã dos clãs  
 Eu sou da tribo das tribos  
  
 A minha mente corre livre  
 Pelas cores e tons  
 Pelos falares de outras línguas  
 Do homem pan-racial e multicor  
 Eu sou por você e você será por mim  
 Eu sou por você e você será por mim  
  
 O mundo é minha nação  
 Eu sou do mundo  
 E o mundo em mim está  
 Eu sou aqui e muito além  
 Eu sou apenas um  
 E como uns que somos  
 Quando somos, muitos seremos  
 E sendo muitos, seremos únicos e unos  
 O mundo é minha nação  
 Eu sou do mundo  
 E sendo muitos, seremos únicos e unos!!<sup>7</sup>  
 (VAZ, Vant; PERGENTINO, Esmeraldo Marques. 1997).

**Figura 2.** Tribo Éthnos – Alex, Joseane, Fabio e Vant Vaz



**Fonte:** Foto de arquivo pessoal, 1990

A Tribo Éthnos fez palestras pela UFPB sobre o movimento *Hip Hop* em 1991, neste mesmo ano apresentaram o espetáculo “homens de concreto” dentro da 5º mostra de dança do SESC. Nesta sequência também gravaram o primeiro demo-tape em 1992, tendo participação no 7º Encontro de Música Popular Brasileira.

---

<sup>7</sup> Musica: Vant Vaz e Esmeraldo Marques Pergentino (Chico Correa e Eletronic Band). Beats, Synth e guitarras: Esmeraldo Marques Pergentino. Vozes: Henrique Peixes (tenor), Izza Ribeiro (soprano e alto) e Vant Vaz (contrabasso). Recita: Vant Vaz.

Suas inquietudes com o projeto tribo Éthnos estava longe de parar, fazendo de diversos momentos uma oportunidade para seguir em frente. No ano de 1993 foram aprovados no edital do Governo do Estado e assim regravaram sua fita demo-tape. Um dos pontos que teve maior repercussão em suas propostas artísticas, foi o início do curso de dança, na escola de dança do espaço cultural (EDEC), nela desenvolvendo aulas de *Breaking*.

Em relato Vant afirma que foi o seu primeiro trabalho como professor, convidado por Clara Jerônimo na escola EDEC, por insistência de Carlos Maia que fazia parte do grupo Macarius, em 1993. Como resultado das aulas, Vant obteve os espetáculos, Nahuxa em 1993 e Urbanus Hip-Hopéra em 1994, que chegaram a participar do FENART<sup>8</sup> e da 3º Mostra Estadual de Dança.

Sem contar as campanhas para SEBRAE<sup>9</sup> e comerciais, dentre diversos momentos que se fazem importantes e inúmeros para um debruçar deste trabalho. Porém, não menos importante, a visibilidade pelo seu canal de comunicação foi um ponto bem significante. Em 1995 o projeto Tribo Éthnos participa do programa “Brasil Legal” da rede globo de comunicação, fazendo com que as janelas sejam abertas e mais possibilidades pudessem aparecer.

Mais uma vez no FENART, no 5º em 1999, adentram participando expondo poesias, fotos, música e desenhos. E fazem também sua apresentação com a banda da Tribo Éthnos, abrindo para o show principal de Racionais Mc. Não é de surpreender, este projeto que tem uma vasta abertura para as músicas regionais, seja com ciranda, capoeira, funk e o *Rap*, que também fez parte de seus primeiros passos, desenvolvendo letras nas reuniões e ensaios no Espaço cultural.

A Tribo Éthnos como citado mais acima, é um projeto de artes integradas em suas propostas e buscas artísticas. Segundo esta linha, o grupo também desenvolveu trabalhos com a banda, e gravou os cd's “conflictdasmarées” em 1993/1994 em Campina Grande, e também o “Meddrooaavon – os ciclos de apogeu e queda”, gravado em 1996 e que este foi lançado no 6º FENART em 2000 em João Pessoa.

Em 2002 essa caminhada com a Tribo Éthnos se entrelaça, mesmo ainda não tendo visto trabalhos. A Tribo Éthnos, foi influenciando-me perante as metodologias que Vant desenvolvia,

<sup>8</sup> FENART (Festival Nacional de Arte) Festival que aconteceu anualmente em João pessoa/PB no espaço cultural Jose Lins do Rego, organizado pela FUNESC entre os anos de 1994 e 2010.

<sup>9</sup> O Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE) é uma entidade privada brasileira de serviço social, sem fins lucrativos, criada em 1972, que objetiva a capacitação e a promoção do desenvolvimento econômico e competitividade de micro e pequenas empresas, estimulando o empreendedorismo no país. Disponível em: <<https://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae>>

pois meus caminhos já começavam nas Danças Urbanas pelo professor João Miguel, que era aluno de Vant. Entorno de um ano e meio depois de dança, Miguel me leva para academia Sonho D'agua em Miramar para que eu tivesse minhas primeiras aulas ao lado de Vant.

Não seria para menos os olhos chegarem a brilhar, um futuro vinha a me esperar, o crescimento na dança muito suculento vinha a mastigar, pouco era o que eu tinha para perceber, que aos poucos eu chegaria a tremer, com tanta emoção que meu coração ia viver.

**Figura 3.** Tribo Étnos, escadaria da academia sonho D'agua



**Fonte:** Foto de arquivo pessoal, 2005

No mesmo ano de 2002 a Tribo Étnos faz a *association* Tribo Étnos France, como forma de fazerem intercambio e expandirem os horizontes com o que este projeto produzia de cultura, o que mais a frente se concretizaria.

Neste caminhar pela Tribo Étnos, entre ensaios e mais ensaios, as oportunidades foram chegando e logo foi possível vivenciar uma primeira experiência em apresentação, sendo remunerado, através deste projeto o que antes estava sendo um fervor de adolescência, começava a ser levado um pouco mais a sério. Talvez para alguns a forma de pensar, se estamos caminhando para um ramo profissional na área, possa ser as experiências vividas, porém em 2005 até então o que o que mais observavam eram o tempo de experiências nesta área. Acredito bastante que quando vivemos do que acreditamos, estamos levando de maneira profissional.

Com uma bagatela de trinta reais, foi o primeiro cachê oficial em espécie, o que antes vinha sempre a ter como contrapartida, lanches e transporte. Essa apresentação que aconteceu

em 11 de setembro de 2003 no antigo Havana Club, situado no Bairro de Tambaú, ao lado da conhecida feirinha de Tambaú, dentro do projeto Preto e Branco, o retorno foi em dinheiro.

Um dia que ficou marcado pela primeira experiência sobre o que eu poderia começar a entender o que seria valorização profissional, não apenas pelo dinheiro que recebido, mas, pela recepção, aconchego e simpatia que as pessoas tiveram com todo o grupo. O compartilhamento entre os artistas acontecia, seja de bebidas, comidas e bons papos, e que as trocas de experiências aconteciam de maneiras simples e fluida.

Um fato que chamou bastante atenção neste dia, foi pelo evento ter sido realizado em um bairro nobre de João Pessoa, a quantidade de pessoas de classe média/alta que usavam drogas ilícitas, como também a quantidade de pessoas que ofereciam para os artistas que dançavam. E logo os sujeitos que faziam uso, associavam que nós fazíamos uso destas substâncias. Vale ressaltar que não fazemos discriminação aos que aderem, mas a situação vale uma reflexão, além dos artistas do coletivo não fazerem uso, buscávamos justamente o contrário, incentivar os demais a cuidarem de sua saúde.

Independente dos pontos de vista sobre este assunto, eu pude sair do espaço bastante satisfeito, e com resquícios de determinação sobre o que eu estava reforçando o que eu acreditava e ainda confio, e estava disposto mostrar que o *Hip Hop* era muito além do que se conhecia.

**Figura 4.** Flyer de minha primeira apresentação na Tribo Éthnos, Havanas Club



**Fonte:** Foto de arquivo pessoal, 11 de setembro de 2003

Desde então, o caminhar com a Tribo Étnos foi sendo construído de forma paulatina, desenvolvendo inquietudes na dança, fazendo parte de várias apresentações que são inúmeras e momentos marcantes. Percebendo e colocando alguns pontos que foram chaves, para o que eu vi acontecer na cena da dança na cidade, no tocante a cena das Danças Urbanas, e por fazer parte desses momentos, foram reverberados com toda certeza em meus processos de aprendizagem.

A minha participação em um dos grandes eventos aqui da Paraíba, o X FENART, foi com toda certeza, mais uma experiência incrível, onde que foi mais um momento que percebido, que por onde a Tribo Étnos passava, deixava sua marca e sua semente. E não foi diferente nos encontros de dança de rua em João Pessoa.

## **2.1 Encontros de Dança de rua em 2006**

Um de seus objetivos nas Danças Urbanas, era conseguir difundir e agregar mais pessoas para esta arte. Para conseguir tal feito uma das estratégias adotadas por Vant, era fazer eventos que proporcionasse uma maior visibilidade das danças para a população. Esses eventos, foram mais uma das possibilidades de acesso para a comunhão entre os simpatizantes da arte e pessoas em geral.

Assim como mostrar para a população que a cultura *Hip Hop* não é concebida com algazarras e pessoas de más influências, tendo em vista as inúmeras vezes que escutei na minha vida essas palavras, justamente por verem aglomerações (algazarras). As roupas folgadas que geralmente são utilizadas por quem é parte da cultura, sempre a população faz referência a pessoas de má índole, por termos uma tendência a seguirmos um padrão da moda.

Na busca de planejar uma comemoração para os 16 anos do projeto Tribo Étnos, Vant viu a oportunidade de desenvolver o evento através da dança. Fazendo o primeiro Encontro de Dança de rua em João Pessoa. Com o lançamento do cartaz, os que apreciavam a dança de rua ficaram focados em poder fazer parte deste momento, e claro, poder divulgar seu trabalho, assim como também se divertir, sendo este o maior foco do evento causando um grande impacto para dançarinos *B.boys* e *B.girls* na cidade de João Pessoa.

**Figura 5.** Cartaz do 1º Encontro de dança de rua em João Pessoa



**Fonte:** Foto de arquivo pessoal, 26 de março de 2006.

Então foi realizado o 1º Encontro de Dança de Rua em João Pessoa, no dia 26 de março de 2006 com intuito de difundir esta arte na Paraíba. Promovendo intercâmbio com outros municípios da Paraíba, e quem sabe logo mais à frente com outros Estados. O local escolhido foi o Casarão 34 situado na Avenida Visconde de pelotas, frente com a praça Dom Adalto, no Bairro do Roger.

O espaço era razoavelmente pequeno, mas para início era perfeito, para que proporcionasse o clima de união. O espaço fez com que as pessoas ficassem mais próximas, possibilitando interações, diálogo e trocas de saberes entre dançarinos que eram de interiores da Paraíba como Remígio com o grupo Vivarte the boy. Dentre outros grupos da própria cidade como Adolescentes em Ação, Pequenos Dançantes, da Ong Casa Pequeno Davi, Turma do Bairro crew, grupo que fui responsável e entre outros simpatizantes de vários Bairros de João Pessoa.

Sendo de suma importância este evento para impulsionar agregados e simpatizantes, bem como familiares de crianças e adolescentes que dançavam. Este seria o momento de mostrar para as famílias de fato o que e onde seus filhos estavam, e com quem se relacionavam. Grupos como Adolescentes em Ação e Pequenos Dançantes da ONG Casa Pequeno Davi situada no Bairro do Roger também fizeram parte deste momento, alguns pais puderam ver de

perto como era a festa da Dança de Rua, e claro, felizes por poderem contemplar uma verdadeira festa.

Quando fiz parte deste momento, a minha reação foi de pensar que nunca imaginei que sentiria tamanha felicidade por poder fazer essa diversão acontecer junto a muitas pessoas que não conhecia. Mas também por colocar em prática trabalhos coreográficos, que nesse período se não houvesse um incentivo ou alguém que tivesse a coragem de desenvolver algo voltado para essa cultura, poucos seriam as oportunidades, visto que meus conhecimentos sobre a cultura da cidade estava se construindo.

E assim deu-se início a um ciclo de eventos voltados para grupos de dança de rua. Onde vários grupos *Breaking* foram se organizando mais e procurando ter um espaço de mostrar seu trabalho. O evento foi uma porta também para estreitar os laços entre municípios, troca de experiências e primeiros contatos diretos com artistas de outros lugares na área das Danças Urbanas. Vale salientar que tal evento foi desenvolvido sem ajuda de custos, havendo apenas o espaço cedido pela prefeitura de João Pessoa, através de licitação e parceiros que se dispuseram a emprestar equipamento de som, e Fábio Palmeira que se dispôs a fazer as gravações para registros.

O 2º Encontro de Dança de Rua em João Pessoa aconteceu no dia 26 de agosto de 2006 no SESC-Centro. Eu já tinha dançado neste local através de meu grupo UB (União Break), primeiro grupo que fiz parte, dançando no espaço de entrada do local. Mas desta vez voltar e poder dançar no palco, foi um dos primeiros momentos de nervosismo que tive na dança.

Vant com seu esforço buscou mais, após a realização do primeiro encontro, neste segundo ele teve mais parceiros e a qualidade melhorou, bem como o tamanho do evento, que ganhou uma maior proporção. Seu público também foi maior, Vant estava orgulhoso, por poder ter a sua frente o triplo de pessoas ou talvez mais. Todos esperavam o 2º Encontro de dança de Rua acontecer, sim, foi um evento atrás do outro, enquanto fosse possível desenvolver. Vant fez o que pode para realizar o máximo de eventos, aproveitando a energia que estava sendo gerada e as oportunidades de contribuições.

Fazer acontecer um evento, evolve diversas coisas, requer muitos gastos, mesmo sendo em caráter não competitivo. Achar um local, conseguir som, equipe de apoio, água para participantes, poder registrar esse momento, são coisas mínimas para que o evento fosse desenvolvido de maneira benéfica para todos, e claro, com uma qualidade que todos merecem.

**Figura 6.** Cartaz do 2º Encontro de dança de rua em João Pessoa



**Fonte:** Foto de arquivo pessoal, 26 de agosto de 2006

Neste evento tivemos diversos grupos que se apresentaram, além de atrações convidadas para divulgarem seus trabalhos, sem contar os grupos que fizeram parte deste evento, que é com maior foco a Dança. Além dos grupos que fizeram parte do primeiro encontro, uma atenção para o grupo UBI Zulu Kingz<sup>10</sup> – Recife.

Neste evento em especial, tivemos a oportunidade de conhecer *b.boys* e *b.girls* de Recife, foi um evento que marcou pela rivalidade entre Paraíba vs Recife. O palco ficou pequeno para as emoções que aconteciam, o fervor aconteceu de maneira muito forte, onde as determinações em treinos estariam voltadas para um novo encontro entre os Estados, firmando um momento de batalha entre Estados.

Para que esse evento pudesse ser realizado de tal forma, Vant teve um suporte muito importante, os apoios que contou foram de extrema necessidade como: Mídia Ativa, Funjope, Sesc Paraíba, colégio e curso Decisão, Gabinete cultural de Fuba e o deputado Alexandre Urquiza que sempre foi um apreciador das artes.

Acredito que o apoio de Fuba e Alexandre Urquiza foram de suma importância, pois apreciadores da arte e artistas se unindo fazem valer o que se busca conquistar e quando temos

<sup>10</sup> Grupo de dança de Recife que foi formado com o intuito de fazer apresentações de *Breaking* e participar de batalhas de dança.

um apoio de dentro de nossa bancada política, os olhares são mais recíprocos para as ações. E sem dúvidas as parcerias que Vant veio fazendo foram bastante influentes para tais realizações.

E as oportunidades acontecendo e Vant mais uma vez atento para fazer valer sobre a cultura *Hip Hop*, promovendo o 3º Encontro de Dança de Rua, desta vez no Galpão 14 situado no Largo de São Pedro Gonçalves, no Centro Histórico, em 24 de setembro de 2006, e como as parcerias que Vant fez fizeram valer nos primeiros encontros.

Neste não seria diferente, sendo o coletivo Tribo Éthnos um pilar para a realização do Encontro de dança de Rua, dentro do II Oportune Dance, e também a Ângela Navarro que trabalha na (Divisão Dança da FUNJOPE na época), Lau Siqueira (Diretor Executivo da FUNJOPE) e Fuba por terem apoiado o evento. Desta forma foi possível acontecer o evento.

**Figura 7.** Cartaz do 3º Encontro de dança de rua em João Pessoa, Galpão 14



**Fonte:** Foto de arquivo pessoal, 24 de setembro de 2006

No 3º Encontro de Dança de Rua em João Pessoa, Vant já percebia as proporções que poderiam tomar esses eventos, talvez o que ele não percebia era o quanto os dançarinos tinham sede de que esse evento nunca acabasse, tendo em vista a energia que ali era colocada. O fluxo

de dançarinos aumentando pela cidade, os bairros sendo mais habitados pelos dançarinos em suas praças e fazendo rodas/Cyphers<sup>11</sup> de *Breaking*.

Para mais um momento de integração, Vant proporcionou as trocas de saberes entre mais um lugar que ainda não tinha sido alcançado pelos *B.boys* e *B.Girls* de João Pessoa, o Rio Grande do Norte, Dj de Recife e convidados do interior da Paraíba. E assim aumentava a quantidade de dançarinos, com tantos eventos acontecendo um após o outro, os participantes aproveitavam para fazerem contatos, em seguida ficarem atualizados dos eventos que aconteciam no Nordeste.

Algo curioso acontece nesse evento, durante as batalhas shows que aconteciam entre os grupos, algo chamava a atenção, a harmonia entre os grupos a cumplicidade e alegria ao ver os demais se apresentando. A receptividade com os dançarinos do Rio Grande do Norte era bem diferente, logo iríamos saber que Recife e Rio Grande do Norte eram rivais, por acaso, isso influenciou para que os laços se estreitassem e os contatos fossem firmados.

E no final do ano de 2006 para a surpresa de todos, Vant anuncia o 4º Encontro de Dança de Rua, sim seria o 4º evento de danças urbanas em menos de um ano. Vant disparou nas oportunidades e fez valer o que muitos não imaginavam, o que antes não se via, neste ano nos esbaldamos literalmente em Dança, o *Breaking* estava em alta na Paraíba e graças a persistência de Vant, aguçou uma febre que estava longe de parar.

O 4º Encontro de Dança de Rua em João Pessoa aconteceu no dia 26 de novembro de 2006 dentro da programação do novembro da Dança e em parceria com a Fundação Cultural de João Pessoa (FUNJOPE) e Prefeitura (PMJP) na Praça da Paz dos Bancários. A bela tarde de domingo não deixou negar o quanto bonito foi o evento, grupos do interior da Paraíba, Capital, Recife e Natal fizeram deste dia um marco da cultura *Hip Hop* aqui no Estado da Paraíba.

---

<sup>11</sup> Linguagem dada pelos atuantes da cultura *Hip Hop* que dançam *Breaking*, refere-se a um grupo de dançarinos (*B.boys/B.girls*) que dançam *Breaking* em um determinado lugar.

**Figura 8.** Cartaz do 4º Encontro de dança de rua em João Pessoa



**Fonte:** Foto de arquivo pessoal, 26 de novembro de 2006

Desde as outras edições dos Encontros de Dança de Rua que Vant sempre falava sobre as artes integradas, por mais que o foco do evento fosse as Danças Urbanas Vant sempre mostrou o interesse em agregar artistas de seus diversos talentos.

Nesta edição contamos com a participação da apresentação da Dança do Vento com a Cia. Lunay<sup>12</sup>. Para o público que era em sua grande maioria da cultura *Hip Hop*, achou bastante estranho, mas Vant sempre reforçou a importância dos espaços que os artistas têm dificuldades de serem inseridos, e como sua visão sempre foi agregar desde seu ciclo inicial na formação da Tribo Étnos, não seria diferente neste momento.

E para a mistura ficar mais calorosa, os integrantes da Tribo Étnos fizeram participação no palco ao lado da Cia. Lunay. Uma troca de energia sem igual, mostrando que os anseios pela dança eram iguais e que independente de ritmos tocado, a dança era a contemplada, e não o estilo.

<sup>12</sup> Grupo de dança do ventre que desenvolve apresentações em concursos e festivais, tendo à frente a professora Kilma Farias.

Mais uma vez Vant conseguiu ganhar o carinho dos que apreciavam artes em especial a dança, as surpresas acontecendo a cada instante que imaginávamos ter acabado, as parcerias de dança aumentando assim como os colaboradores.

Este encontro de Dança de Rua ficou marcado em minha vida por ter sido um período de grande dificuldade, ao menos para minhas condições. Em um momento onde trabalhei na fábrica e meus horários eram incertos e ocasionava dificuldades de ensaios mais firmados, meus compromissos com a dança estavam um pouco dispersos, porém a chama de querer se fazer presente nunca foi tão grande.

Ao fim do evento os grupos ainda ficaram pela praça e a troca de saberes continuava, já era mais de 00:00h e meu expediente na fábrica começava às 06:00h da manhã, pouco me importava sobre meu desgaste físico, em pensar que cheguei a deslocar o ombro neste evento, mas, eu estava bastante focado nas informações e as relações que eu conseguiria estabelecer durante o período que eu estaria lá.

Depois de chegar em casa (finalmente) às 03:00 da manhã, não queria dormir, até pelo tempo que não teria, mas também para ainda continuar a vivenciar o quanto foi importante estar presente mesmo cansado. Fui entusiasmado trabalhar, e com o que eu trabalhava? Com matéria prima, sim lixo, depois de 2 meses trabalhando nesta fábrica e me esforçando para não sair, nunca vi tanto brilho em uma montanha de lixo.

## **2.2 Encontro de Dança de Rua em 2007**

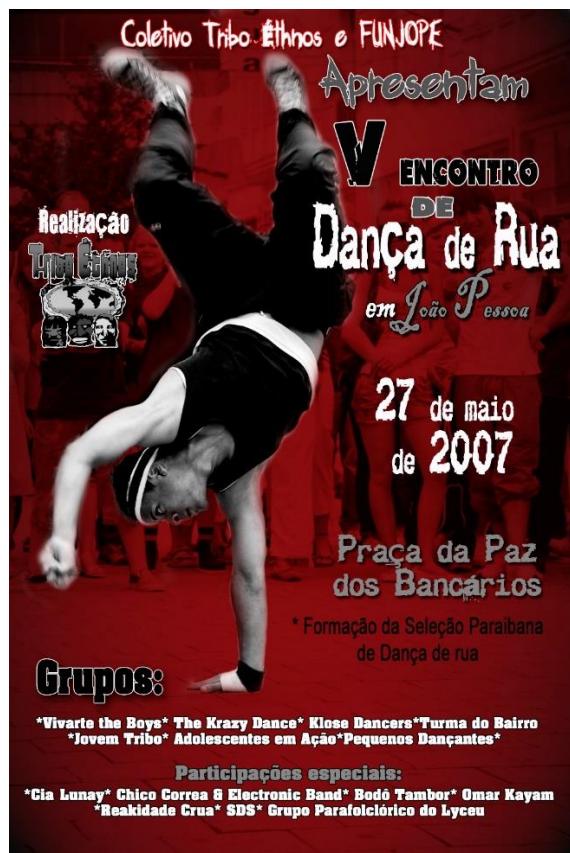
Em menos de um ano Vant tem a ousadia de fazer mais um Encontro de Dança de rua, já seria o 5º e não parecia que estava cansado de tanto trabalho que ele se desdobrava fazendo. Vant procurava apoios, escrevia projetos, fazia os cartazes para divulgação, fazia contatos com os grupos de outras cidades e até mediava as formas de como conseguirem apoios de transportes para virem aos encontros aqui na cidade.

No dia 27 de maio de 2007 no anfiteatro Lúcio Lins da Praça da Paz dos Bancários, aconteceu o V Encontro de Dança de Rua em João Pessoa. Um momento vibrante e com a participação de vários grupos. Também neste dia foram selecionados dançarinos para a formação da equipe que representaria a Paraíba no II Encontro Nordestino de *Hip-Hop* que aconteceu em setembro do mesmo ano.

Este evento foi uma forma de organizar um grupo para representar nas batalhas de *Breaking*, assim como se apresentarem em eventos. Isso nunca havia acontecido na cidade, e ainda mais em proporções de reunir dançarinos de outras cidades da Paraíba. Vant Vaz fez

acontecer mais uma vez o que poucos momentos vimos, reunir *B.boys* e *B.Girls* de vários bairros da cidade e também de interiores da Paraíba.

**Figura 9.** Cartaz do 5º Encontro de dança de rua em João Pessoa, praça da paz nos Bancários



**Fonte:** Foto de arquivo pessoal, 27 de maio de 2007

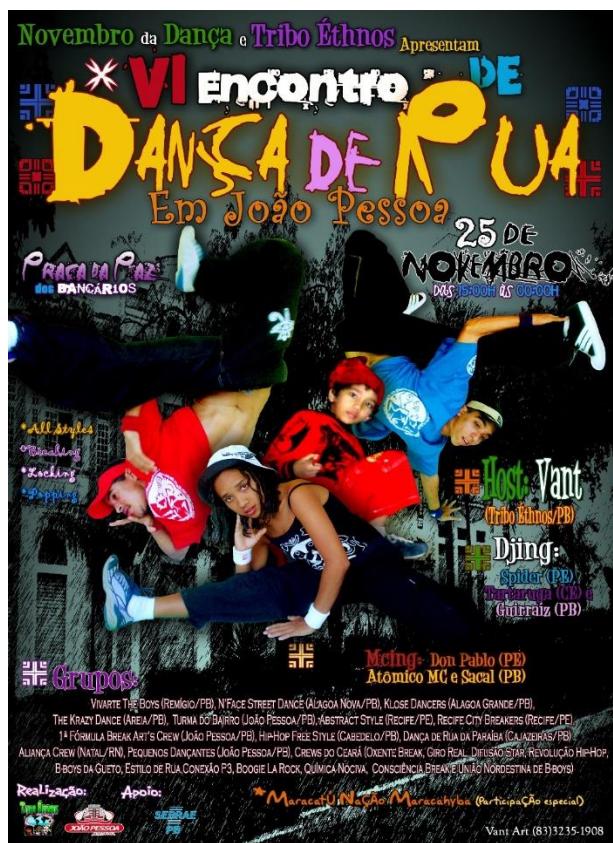
Neste dia tive as condições de ser um dos selecionados, dentre 12, através do campeonato de batalha de *Breaking*. Vant instigou os dançarinos da cidade a se fazerem presentes, já que ele percebeu que estava em alta a vontade dos grupos da cidade de batalhar e de mostrarem seus shows de dança.

Vant sempre pensava no que podia proporcionar de felicidade para os outros, e esse foi mais um momento marcante para os que viveram esse período, momento esse que os grupos estavam bastante envolvidos em batalhas, se unindo em prol de uma causa maior que era representar o Estado da Paraíba afora. Posso colocar que neste evento foi onde consegui ver mais *B.boys* e *B.girls* reunidas na cidade de João Pessoa, como eu e meus amigos falávamos: “de onde saiu tanta gente? ” Acredito que a organização foi bastante assertiva para esse evento.

Tivemos a presença de dois representantes de Recife para julgar, um deles o *B.boy* Pacheco do grupo Recife City Break (RCB) Pacheco é uma referência em Recife/PE, tendo uma grande quantidade de tempo na cultura *Hip Hop* assim como Vant. Isso trouxe mais credibilidade para o evento. Sendo este mais um evento realizado, no dia 25 de novembro de 2007, dentro da programação do novembro da Dança.

Muitos grupos vieram participar deste evento por sua proporção. E foram onze grupos da Paraíba, dois de Pernambuco e um de Natal/RN. Destacando claro, Fortaleza no Ceará, que veio com uma verdadeira frota de dança, com onze grupos. Mais uma vez o evento se destacou e a população contemplou uma verdadeira união na cultura.

**Figura 10.** Cartaz do 6º Encontro de dança de rua em João Pessoa, Praça da Paz nos Bancários



**Fonte.** Foto de arquivo pessoal, 25 de novembro de 2007

Um dos encontros mais emocionantes que presenciei, não apenas pela quantidade de pessoas que se fizeram presentes dançando, pois, a quantidade de grupos foi bastante numerosa. Mas também pelo público presente, pois a praça dos bancários se fez pequena e não estávamos acreditando na quantidade de famílias que sentavam nas cadeiras frente ao palco montado, e chegando mais.

Neste Encontro de Dança de Rua houve um momento muito especial, que ficou marcado para Vant Vaz. Neste dia foi o grupo que fiz parte, a Turma do Bairro Crew, desenvolveu um espetáculo em homenagem a Tribo Éthnos, claro que também está relacionado ao Vant, já que ele é o fundador deste projeto. E ao final da apresentação uma das músicas foi tocada e para a surpresa de todos, era a música “Canto da Nação dos Apátridas” a música que faz referência a mensagem que a Tribo Éthnos busca passar.

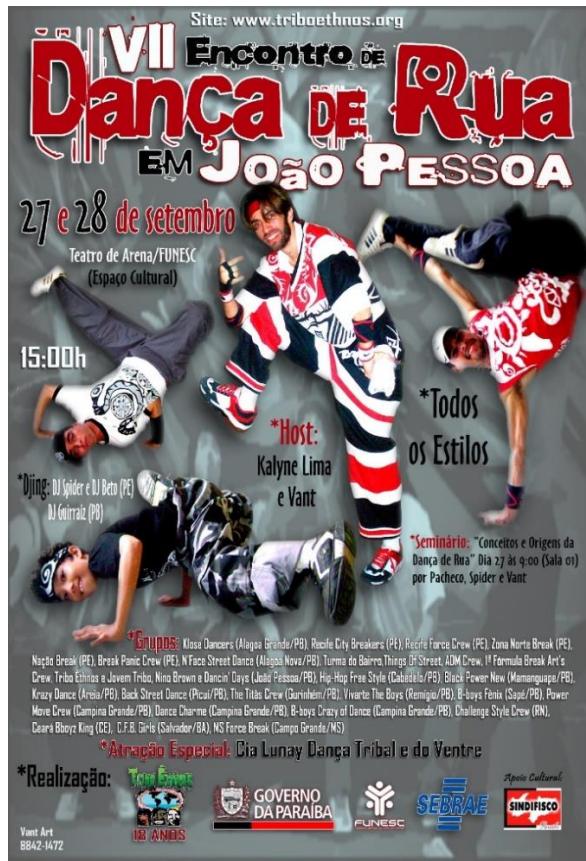
Posso dizer que este foi um momento marcante, pois esta música diz o que Vant busca em sua vida, é sua forma de expressar ao mundo o que ele pensa. E claro, ele não resistiu e entrou no palco e fez de sua vontade a participação que já imaginávamos, e foi um momento de aproveitar a grande multidão na praça e poder espalhar um pouco do que a Tribo Éthnos acredita.

### **2.3 Último Encontro de Dança de Rua**

Esse sem dúvida foi o encontro da saudade, mas nem imaginávamos, pois foi o último encontro de dança de rua feito até agora em João Pessoa desenvolvido por Vant. Nem imaginávamos que simplesmente dificuldades iriam aparecer e pausar esses encontros, mas aproveitamos de melhor maneira possível.

Vant dessa vez conseguiu promover o encontro com dois dias de evento, nos dias 27 e 28 de setembro de 2008, desta vez acontecendo no teatro de arena do Espaço Cultural. Todos imaginavam um evento de *Breaking* neste local, pois sua estrutura é bastante instigante para tais eventos, tendo um formato de arena onde o público fica ao redor, diversos grupos fizeram parte deste momento.

**Figura 11.** Cartaz do 7º Encontro de dança de rua em João Pessoa, Espaço Cultural



**Fonte:** Foto de arquivo pessoal, 27 e 28 de setembro de 2008

Neste encontro de dança de rua, Vant conseguiu um apoio para alojamento dos participantes do evento na Escola Estadual José Vieira, que é situada ao lado do Espaço Cultural, logo a distância não seria um problema para os participantes do evento. Uma das coisas que acontecem nos eventos em outras regiões é ter alojamento, mas o mesmo não ser no mesmo local ou relativamente perto, e dessa vez Vant conseguiu esse espaço ao lado.

Houve um fato curioso do 6º encontro para o 7º encontro: a Turma do bairro Crew foi desfeita ficando em pausa nos eventos, permanecendo apenas 3 membros deste grupo: Adailson, Edinaldo e eu. Os outros integrantes formaram um grupo para competição de *Breaking* a OCB (Original Culture Break) porém, nós também fizemos parte do grupo e seguindo como líderes a pedido dos integrantes, pois o foco do grupo seria competições de batalhas de *Breaking*.

Desta forma os grupos OCB Crew e 1º Formula Break Art's crew hoje com o nome de (1º Fórmula True Kings), se juntaram e formaram o grupo Aliança Crew, para representar João

Pessoa nas batalhas shows que aconteceriam no evento com a ideia de apresentarem um espetáculo e batalharem neste evento.

O curioso desse grupo Aliança Crew é que não aparece na programação do cartaz, pois foi realizada uma reunião duas semanas antes do evento. Os grupos eram rivais devido a separação dos integrantes, neste momento se juntaram para apresentar um espetáculo "parque macabro" no evento, Vant ao saber, permitiu, porém não seria possível entrar na divulgação, já que foi informado de última hora.

Abaixo segue os nomes dos grupos que fizeram parte dos encontros de dança de rua, e assim também retornaram ao 7º encontro de dança: Klose Dancers (Alagoa Grande/PB), Recife City Breakers (PE), Recife Force Crew (PE), Zona Norte Break (Recife/PE), Nação Break (Recife/PE), Break Panic Crew (Recife/PE), N'Face Street Dance (Alagoa Nova/PB), Turma do Bairro, Alcance, Things Of Street, ADM Crew, 1ª Fórmula Break Art's Crew, Tribo Étnos e Jovem Tribo, Nino Brown e Dancin' Days (João Pessao/PB), Hip Hop Free Style (Cabedelo/PB), Black Power New (Mamanguape/PB), Krazy Dance (Areia/PB), Back Street Dance (Picuí/PB), The Titãs Crew (Gurinhém/PB), Vivarte The Boys (Remígio/PB), B-boys Fênix (Sapé/PB), Power Move Crew (Campina Grande/PB), Dance Charme (Campina Grande/PB), B-boys Crazy of Dance (Campina Grande/PB), Challenge Style Crew (Natal/RN), Ceará Bboyz King (Fortaleza/CE), Red Boys Crew (Fortaleza/CE), C.F.B. Girls (Salvador/BA), MS Force Break (Campo Grande/MS).

São estes os grupos inscritos no VII Encontro de Dança de Rua em João Pessoa. Lembrando que em sua maioria fizeram parte dos outros eventos, com exceção do grupo C.F.B. Girl da Bahia e o grupo de campo Grande/MS – MS Force Break.

Fazendo uma observação para os grupos Turma do Bairro Crew e 1º formula Art's Crew, que participaram como Aliança Crew, é um ponto que não podemos deixar passar, mesmo esses grupos separados alguns integrantes ainda estão ativamente na cultura *Hip Hop* até hoje. Neste evento tivemos a participação dos grupos que já foram residentes dos encontros anteriores, como os grupos dos interiores da Paraíba, mas, neste em especial, veio o grupo de Mato Grosso do Sul (MS Force Break) e da Bahia (C.F.B. Girls) um grupo só de mulheres.

Após esse evento, esperamos mais eventos de dança de rua, porém, algumas situações que aconteceram no 7º Encontro trouxeram um pouco de decepção para Vant: as reclamações de alguns grupos de Recife. Reclamações sobre o local do alojamento e exigências de alimentação foram o ápice da falta de entendimento do propósito do evento que já era bastante difícil de acontecer.

A luta para poder acontecer um evento em João Pessoa, a conquista que veio se dando durante os encontros de dança de rua foi se perdendo pela falta de sensibilidade dos dançarinos. Poucos entendiam o quanto a cultura era mal vista. A todo momento estávamos com holofotes ao nosso redor para sermos discriminados e julgados por nossas atitudes

Todo o apoio, por “pouco” que tenha sido, foi de bastante importância para que fosse possível dar suporte de alguma forma aos grupos e mesmo assim algumas pessoas não tiveram a sensibilidade para tal, causando desmotivação para Vant Vaz. Porém, Vant com sua persistência, após alguns anos fez a inscrição de um possível 8º Encontro de dança de Rua, submetendo o projeto para o FMC<sup>13</sup>.

O 8º Encontro tinha um caráter de competição, com premiação alta para batalhas de diversas modalidades. Em primeiro plano o evento seria de uma semana. Isso mesmo. Uma semana de evento de Danças Urbanas em João Pessoa, algo que mudaria completamente a visão da dança de rua na cidade.

Para garantir que fosse aprovado, houveram algumas alterações reduzindo a proposta para três dias de evento, e assim o evento foi aprovado. Saindo a primeira verba, Vant destinou para ações midiáticas como divulgação e todo o trabalho de produção, que a produtora Parahybólica estaria à frente, passagens de jurados foram pagas, dentre outros investimentos.

O FMC, reteve as verbas, cortando todas as outras parcelas que até hoje não foram repassadas, prejudicando todo o evento que seria produzido. Tendo em vista que não seria possível acontecer com recursos do próprio bolso, Vant buscou apoio de empresas para tentar dar continuidade, mesmo assim não foi possível.

Percebendo que é de direito as demais parcelas que não foram repassadas, Vant lutou por explicações, mas até então o retorno sobre as outras parcelas não se concretizou. Além de que não apenas este evento foi prejudicado como também diversos artistas e outros eventos foram também prejudicados por esta mesma situação.

Até o presente momento não foi desenvolvido mais nenhum encontro de dança de rua por Vant. Um evento que ficou marcado pelo seu caráter de união entre os atuantes da cultura *Hip Hop* na cidade por aproximar os grupos de Cidades e Estados diferentes do Nordeste, dentre outros lugares. Hoje alguns dos que fizeram parte deste evento relembram momentos

---

<sup>13</sup> O Fundo de Cultura é um dos instrumentos que o Sistema Municipal de Cultura precisa ter para que o município seja integrado ao Sistema Nacional de Cultura. Para que o Fundo de Cultura criado possa receber verbas de outras instâncias (governo federal ou estadual) é necessário que todo o Sistema Municipal esteja implantado. Disponível em: <<https://www.elaborandoprojetos.com.br/fundo-municipal-de-cultura/#.XnN8PqhKjIU>>

importantes, mostrando como fez diferença ter um evento que não fosse voltado apenas para a competição de batalha, com fins de premiação em dinheiro.

### CAPITULO III - SEMENTE QUE GERA SEMENTE

Lembro-me como hoje quando tive a oportunidade de ingressar na arte da capoeira, Jiu-Jitsu, Kung-Fu e ginástica. Foi instigante. Porém, quando conheci o *Breaking* através de um professor chamado João Miguel (*B.boy Miga*) de *Breaking*, na Escola Duque de Caxias, no bairro do Costa e Silva, logo me interessei e fui junto com meus amigos. Ao conseguir uma vaga para dançar *Breaking*, vaga que só era para alunos do colégio, e de 40 alunos apenas 3 permaneceram justamente eu e meus dois amigos, Adailson e Edinaldo que não fomos alunos da escola.

Percebendo nossa determinação e disciplina com a dança, Miguel nos prometeu que nos levaria ao seu professor Valmir Vaz, para conhecermos e termos aulas com ele. E assim, o primeiro contato com Vant foi em uma apresentação no Sesc Centro em 2002 quando atuante do grupo UB (União Break).

Após apresentação realizada no Sesc Centro, tivemos um breve diálogo com Vant e ele fez o convite para sermos alunos dele. Com o convite lançado fomos na academia Sonho D'água, no Bairro de Miramar, onde Vant ministrava aulas de *Breaking*, e nesta academia foi iniciado um novo ciclo em minha vida, aprofundando nas bases e fundamentos das Danças Urbanas e conhecendo mais a fundo a cultura *Hip Hop*. Salientado que diferentemente de hoje, quase não existia em João Pessoa profissionais ministrando aulas nesses espaços. Fazendo referência ao período que iniciei minhas aulas em 2001, por isso a bolsa foi fundamental para meus estudos na dança.

Após um ano convivendo com Vant, fui conhecendo aos poucos outros trabalhos que eram desenvolvidos por Vant, e foi quando conheci o Coletivo Tribo Étnos. E a sede de querer fazer parte deste projeto já era grande, e não me esqueço do momento que ficou registrado em minha mente até hoje.

Após um ano, quando duas francesas estavam sendo confeccionadas algumas camisas, que foi uma forma de homenagear o projeto da Tribo Étnos. Contendo na estampa vários desenhos que representavam seres humanos e suas diversidades culturais. E Vant pegou uma das camisas e falou “segura essa camisa aqui, agora você faz parte da Tribo Étnos, faça valer, estou apostando em você” em um primeiro momento não me dava conta o que ele queria dizer, simplesmente fiquei muito feliz por ter alcançado algo que almejava, que era estar dentro do projeto Tribo Étnos.

Desde esse período os caminhos já vinham sendo balançados para a vontade de repassar para os outros o que eu aprendia. Sempre me preocupei em poder repassar uma boa informação,

acredito que após o ingresso na tribo Éthnos, as motivações aumentaram, e coloquei em prática muitos dos ensinamentos no grupo que liderava, o Turma do Bairro Crew.

E havendo essa referência fui me motivando a cada dia em ser um futuro professor, refletindo sobre meu modo de agir e me portar, e claro que não poderia deixar de debulhar sobre como percebo essa forma de lecionar de Vant e no que isso me refletiu enquanto dançarino/professor.

Atuar como professor no Brasil não é fácil, em especial no Nordeste que por si já sofre inúmeros tipos de preconceitos. A de se imaginar como é ser um resistente na classe artística no estado da Paraíba?

Vant Vaz, desde a década de 80 vem sendo resistência na arte, e por sua vez imergiu na cultura *Hip Hop*. Dentre as diversas formas que vem contribuindo na cena da dança, uma delas é atuando como professor de Danças Urbanas. Eu como aluno, que passei incessantemente quinze anos desfrutando de seus conhecimentos, percebo seu modo de instruir o conhecimento de forma bem singular. “As dinâmicas devem se aplicar de maneira flexível, isto é, totalmente abertas as mudanças que se produzem pelas dinâmicas de cada grupo e momento.” (GONSALVES, 2012. p.94).

Gonsalves (2012) coloca em seu livro “A curva pedagógica”, a arte de ensinar através das situações vivenciadas pelos alunos. Vant, por sua vez, nas suas aulas de dança, além de trabalhar as técnicas das Danças Urbanas, sejam elas, *Breaking, Popping, Locking, House Dance*, dentre outras, este desenvolve pesquisas mediante as experiências vividas pelos alunos. Com isso é trazido para o espaço da dança, a autonomia do aluno em criar, perceber, questionar, motivando através desse entorno possibilidades de experimentações que são construídas em conjunto.

Nos momentos mais simples, como: assistir um vídeo de dança, bater um papo sobre a cena da arte em João Pessoa, no trajeto de uma parada de ônibus até o espaço de ensaio sempre escutava a importância de um trabalho em grupo e como para chegar a tal momento era difícil, pela falta de compromisso, pelas indiferenças e sonhos que não se cruzavam, mas que pode dar início a um caminho que se entrelace.

Harmonizar um grupo não significa escutar uma música e falar sobre ela; não é fazer uma oração, não é dar um abraço. A questão é mais complexa. O significado da palavra harmonia está relacionado com a combinação de elementos diferentes e individualizados, mas que estão ligados por uma relação de pertinência que produz uma sensação agradável, de prazer, de ausência de conflitos, de conformidade e de concordância (Gonsalves, 2012, p.97).

Nessa forma de pensar, Gonsalves traz uma reflexão profunda, em que ficou mais compreensível que, o que era proporcionado eram as sensações de harmonização, onde eu só iria me remeter a viver o que eu já me sentia parte, e não o que iria procurar fazer parte.

Neste período de início como aluno de Vant, sempre foi possível questionar sobre os ensinamentos repassados. Vant por sua vez, sempre foi um incentivador para que fizéssemos diversos tipos de oficinas de dança como: Ballet, dança afro, aulas de Yoga, teatro e etc. Além de sempre trazer debates que para nós, eram assuntos que passavam um pouco distante dos nossos interesses, seja crise climática, contextualização política, posicionamento artístico na cena das danças e/ou outras vertentes da arte.

Tais assuntos traziam confusão, pois ainda não comprehendia as funcionalidades e similaridades com o que eu desenvolvia, pois, meu foco eram as aulas de *Breaking*, todavia, para fins de melhoria de minha dança, foi possível perceber a importância. Porém, Vant sempre esteve com uma visão para o futuro. E na construção dos meus pequenos saberes não comprehendia como iria melhorar em minha dança tais cursos de áreas diversas, debates sobre outras áreas. Aos poucos os caminhos foram ganhando sentido e paulatinamente foi sendo vislumbrado a importância dos conhecimentos obtidos.

Com os anos se passando e os processos sendo apreciados e a cada dia refinando as experiências que se agregaram. Sendo assim, foi possível perceber a construção de meu ser atuante nas danças, seja ela *Breaking*, contemporâneo e a forma de me propor a experimentar novas possibilidades. Antes estava muito fechado, com isso foi possível melhorar as minhas abordagens e formas de posicionamento e assim crescer não apenas na dança, mas que isso, como refletiu em minha vida pessoal, modo de agir, pensar e relacionar, foram e são pontos que não posso esquecer.

Para que eu pudesse me colocar à disposição dos trabalhos que Vant fazia, houve um diálogo rápido e bem claro logo de começo, que era um simples acordo. Onde que acertávamos o que pensamos e o que almejamos, e simplesmente Vant nos informou o que ele apenas gostaria, que era nossa dedicação nos tempos que ele mostrava que estava à disposição, e logo os acordos estabelecidos geraram tais curiosidades.

Assim fui me envolvendo, mas sempre a cada passo que me aprofundei no trabalho novos acordos eram estabelecidos, valorizando sempre cada momento de envolvimento com o trabalho. Sempre acreditei que seria uma forma de entender que nada na vida ganhamos e sim, conquistamos com dedicação. E desta forma foi e vem sendo na dança, e creio que Gonsalves coloca muito bem esse ponto, que Vant chama a atenção para nossas responsabilidades para com a dança e por isso tais pactos são necessários.

Ao assumir compromissos em termos de resultados a serem alcançados em relação a ações consideradas prioritárias naquele dia, o docente e os alunos assumem também compromissos para o alcance desses resultados. A pactuação permite o desenvolvimento de condições favoráveis para o trabalho porque é uma ferramenta para manter relações positivas entre as pessoas envolvidas no processo, que aprendem a negociar de forma flexível e coletivamente o que é importante para a aprendizagem (Gonsalves, 2012, p.101-102).

Ressalto o quanto importante foi estabelecer esses acordos, pude me envolver mais, também tive cuidado com o tempo que investia e o tempo que investiam em mim. Logo me coloquei como também responsável pelo crescimento do projeto da Tribo Étnos e de meu crescimento profissional na área da dança. Segundo este pensamento, vale a reflexão sobre esses pactos que trazem uma valorização no que diz respeito ao artista em geral, mostrando a importância do empenho que é colocado na arte que acreditamos, o professor que desenvolve sua aula de dança para não ser taxado como “mais uma aulinha de dança”.

### **3.1 Frutos da dança**

Sobre a nossa cidade, os ganhos sempre serão contemplados, no que percebesse referente a dança, Vant, pôde deixar um legado de dançarinos que atuam em escolas, Ongs e academias, assim como artistas de rua. Ele que tanto lutou pelos espaços para a dança, as danças urbanas estão ocupando seus espaços.

A tribo Étnos que levou uma filosofia de arte aqui da Paraíba para o mundo, levando nossa cultura indígena com nossa mistura de ritmos regionais, e sempre entre apresentações e oficinas, os diálogos sempre estão sendo plantados com ética, cidadania e a luta pela classe artística, logo, fazendo ponte para a valorização profissional do mesmo.

No ramo profissional é justo dizer que tivemos uma maior busca por esses profissionais das danças, seguindo a mesma proporção que aumentou a quantidade de dançarinos, tendo em vista a proporção na cidade de João Pessoa. E o quanto de escolas particulares que buscam atuantes das Danças Urbanas.

Entre idas e vindas, como aluno e também professor venho sempre a questionar, o que de frutífero pude amalgamar? Aulas que foram ministradas, espetáculos que participei. Acredito que no decorrer desses períodos as aulas ministradas foram e são um estímulo para que eu possa ir mais além, e claro, sementes que são plantadas.

Sempre concentrado nas aulas que ministrei voluntariamente, onde saíram grupos de danças urbanas que hoje representam a 5º geração de *B.boy/B.girls* na Paraíba. Difícil imaginar que nos anos entre 2002 e 2004, estava sendo expandida as Danças Urbanas em João Pessoa, de maneira que as oportunidades estavam melhorando. Dois grupos de *Breaking* da cidade eram referência “Turma do Bairro” situada no bairro Ernane Sátiro e “Adolescentes em Ação” pela Ong. Casa Pequeno Davi, situado no Bairro do Roger (centro), salientando que os mediadores desses grupos foram Gutemberg (*B.boy* GTO) 3º geração de *B.boy* atuante como professor no grupo “Adolescentes em Ação” grupo esse que se desdobrou de um projeto social.

E referente ao grupo “Turma do Bairro”, Adailson, Edinaldo e eu, ambos a 4º geração de *B.boys* que ministravam aulas voluntárias na comunidade do Ernani Sátiro, formando o grupo que reunia integrantes de vários bairros da cidade, sendo mais a frente batizado com o nome “Turma do Bairro”, onde que deste grupo, tivemos vários frutos da dança, que alçaram vôos e montaram seus próprios grupos de dança.

Desta forma vejo a importância da construção do 6º passo da curva pedagógica, a aplicação. Colocar em prática ensinamentos de maneira a exercer o protagonismo e também se colocar à disposição de erros e acertos, mas sempre construindo, seja individualmente ou em grupo.

Após uma breve caminhada nas Danças Urbanas, as motivações fizeram sentido e identificamos a necessidade de construir algo que fosse referência na cidade. E a busca se estreitava e formava um corpo e o exercício era constante, logo em 2014, iniciou os trabalhos no experimental dance ou como referenciamos “*Urban experimental*”<sup>14</sup>.

Ao lado de Adailson Araújo, construímos um projeto “*Two Abstract*”, onde desenvolvemos oficinas e apresentações com base nas experimentações vivenciadas em nosso contexto nas Danças Urbanas. Em 2015 desenvolvemos um evento de dança voltado para o público em geral, chamado “experiMENTAL”. A partir deste momento os exercícios que foram construídos ao longo dos anos iam sendo testados e os desafios eram maiores.

O exercício serve para praticar uma ou mais habilidades; o desafio é a descrição de uma situação onde se procura algo desconhecido e não se tem previamente a solução. A resolução de um problema exige certa dose de iniciativa e criatividade aliada ao conhecimento de algumas estratégias. (Gonsalves, 2012, p.115-116).

---

<sup>14</sup> Proposta de dança através de diálogos corporais desenvolvidos no ambiente das danças urbanas; batalhas de danças através de improvisos sem acordos prévios, não fazendo jus a estilo específico de alguma dança.

Seguindo esta linha de pensamento de Gonsalves, acredito ter sido motivado a insistir no que eu penso ser proveitoso, e na tentativa e erro as possibilidades aumentaram e assim segui. Tendo como objetivo abranger a cena do *Urban Experimental*, unindo cada vez mais professores, alunos, coreógrafos, dançarinos, simpatizantes e expectadores, trazendo um leque de possibilidades na diversão da dança. E fazendo com que a interação das pessoas se tornem mais consolidadas de forma mais natural, não apenas na cena da dança, mas também no processo de convivência das pessoas na cidade de João Pessoa.

**Figura 12.** Foto dos participantes do primeiro evento experiMENTAL.



**Fonte:** Foto de arquivo pessoal, novembro de 2015.

O evento experiMENTAL foi desenvolvido em 2015, 2016 em João pessoa, e duas edições em 2019 uma em pocinhos/PB no mês de agosto e outra em Tibau do Sul/RN no mês de novembro, onde as fronteiras foram ultrapassadas nesse contexto do *Urban experimental*. Poder levar uma linha de pensamento que é inspirada em evento da Europa o “Open your Mind” para que não apenas atuantes da cultura *Hip Hop* façam parte, mas os que estiverem a disposição de fazerem parte. Um evento que segue o contexto de batalhas (por enquanto) onde quem é premiado ao final, porém, sempre deixando claro que a finalidade são os diálogos compartilhados em dança.

Desta forma atuantes, amigos, simpatizantes desta proposta experimental são abraçados, e assim considerado um grande fruto que foi germinado, em poder propagar a possibilidade da dança em um formato mais confortável.

Fazendo uma breve analise do evento experiMENTAL produzido, podemos ver vários estudantes e professores do curso de licenciatura em dança da UFPB na figura acima, é claro que um espaço tão abraçado pelos profissionais da dança não seria esquecido.

O curso de licenciatura em dança gerou diversos frutos, sejam dançarinos, lançando propostas, promovendo perspectivas em todos. Assim como também nos mostra a realidade em nossa cidade, o quanto nós somos responsáveis pela propagação da arte que almejamos aqui, e para isso devemos construir ideias que sejam espalhadas e contaminadas por todo o estado.

Desta forma, mostra-se a importância do curso de dança, e como esse fruto é parte integrante de uma caminhada que contribuiu para tais escolhas. Os profissionais envolvidos nesta universidade foram e são incentivadores para que hoje o profissional que me tornei, não desista em meio as dificuldades que encontramos. E Vant é parte integrante desses profissionais, os quais foram pensadores e articuladores para que hoje existisse o curso de dança na UFPB.

Refletir sobre esse ciclo que está envolvido, é perceber que os passos que estão sendo trilhados seguem um fluxo coerente, garantindo vivencias que nos projetem para possibilidades amplas na dança. Investir na dança é moldar a trajetória de vida, mudar caminhos e sentir amadurecimentos.

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A cultura *Hip Hop* é um meio de reintegração social dos indivíduos que por nela perpassam, isso veio se consolidando por sua história, onde através da arte dos quatro elementos que nela contém fazem jus a estas possibilidades. Os apontamentos feitos na pesquisa acima referente ao possível surgimento da cultura, ainda caminha em diálogos entre os atuantes da área. Nos trazendo com mais certeza de que o *Hip Hop*, é uma expressão cultural que tem uma pluralidade de manifestações artísticas inseridas nela e que os propagadores plantaram frutos de resistência contra os preconceitos envolvidos nela.

O artista Vant Vaz é um disseminador da cultura *Hip Hop* em João Pessoa, se o mesmo foi o primeiro a gerar esse movimento na cidade, não podemos afirmar. Apenas compreendemos que através de sua inquietude, a cena das Danças Urbanas teve um olhar diferenciado. Hoje a cidade ganha espaços que antes não foram alcançados, mais dançarinos inseridos em escolas e academias, sendo estas algumas das muitas sementes germinadas.

O projeto Tribo Éthnos contribuiu de maneira muito significativa, trazendo um formato que agrupa as múltiplas artes, seja levando reflexões através das letras das músicas, palestras sobre dança e demais artes inseridas neste projeto. Através da produção dos encontros de Dança de Rua foi possível oportunizar trocas de saberes entre muitos profissionais da área de outras cidades e estados.

Não tenho dúvidas que a cidade se tornou uma referência com seriedade, por conta dos dançarinos que ao longo dos anos vem fazendo eventos, não deixando a cena ficar estagnada. E acredito que ocasionou a possibilidade de uma melhor visibilidade, em específico para o *Breaking*, seja em escolas, academias, instituições não governamentais, assim como o crescimento em oportunidades de editais voltados para esta área.

No decorrer desse caminhar a história de Vant foi um incentivo e inspiração para muitos, e poder contar essa pequena parte em singelas linhas escritas neste TCC, foi um momento de ressignificar o olhar para a arte no estado da Paraíba e claro, rever minhas “andanças” e observar meus trajetos com mais vigor. No que diz respeito ao meu caráter profissional, venho cada dia me refazendo e redescobrindo maneiras de buscar melhorias, o que antes era sonho, hoje concretizando, a importância no que eu acredito, atuar como professor licenciado em Dança e claro, fazendo jus ao que foi trilhado.

O espaço da instituição da UFPB é parte fundamental no meu ser, é perceptível o período que vivenciei na instituição, não apenas me fez ter uma bagagem enquanto discente, também

redescobri minhas inspirações, reforcei minha voz e acreditei mais no que eu buscava. Também é de se notar que nos caminhos que trilhamos vamos lapidando nossos pré-conceitos, respeitando as diferenças, entendendo os posicionamentos que cada um tem e acredita. Para assim planejar um convívio de maneira saudável para com todos no mundo.

As metodologias que foram esplanadas não posso afirmar que são certas, apenas que tiveram sua importância no ciclo que vivenciei. Se meus caminhos se tornariam “andanças”? Não saberia dizer, apenas percebi que contribuíram para algumas estradas que foram reorganizadas ou até “pavimentadas” em alguns pontos.

Os caminhos apontados por esse artista interferiram de maneira singular para uma construção do meu eu artista, e acredito que reverberou para as demais gerações de dançarinos na cidade, não é à toa que Vant é uma referência. E os demais eventos que ainda acontecem fazem parte do grupo de dançarinos resistentes nessa propagação da cultura Hip Hop.

Referente ao evento experiMENTAL, carrega consigo incentivos dos encontros de dança de rua, de maneira que busca agregar seu público de maneira plural, oportunizando a todos que sentirem-se confortáveis em participar e contribuir com o evento. Propagar um formato de evento na cidade e João Pessoa é acreditar que sigo caminhos assertivos.

As construções se deram de acordo com as escolhas que fomos fazendo e de escolhas vamos ressignificando nossos valores, como a cena das Danças Urbanas vai estar daqui a 15 anos na cidade de João Pessoa? Só o tempo vai nos dizer. Porém, esta pesquisa se faz presente trazendo reflexões de como as contribuições de um artista fez diferença, e respeitar essa trajetória é de suma importância.

Por isso a importância do registro sobre as Danças Urbanas na cidade de João Pessoa é um fator contribuinte para o fortalecimento dos próximos propagadores nessa expressão. Compreender que existem bases que incentivam o fortalecimento dessa cultura, se faz necessário como instrumento de reafirmação social nessa área. E que cada dançarino/Artista seja oportunizado por desenvolver um pedaço da história na cidade, e assim mais a frente possamos interligar os pontos com mais suavidade e compreensão ao longo da passagem de cada um.

## 5. REFERÊNCIAS

- ALZUGARAY, D; ALZUGARAY, C. **Dance o Break.** São Paulo, SP: Três. 1984.
- BOURCIER, Paul. **História da Dança no Ocidente.** São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- CAMINADA, Eliana. **História da Dança – Evolução Cultural**, Editora Sprint, Rio de Janeiro, 1999.
- CONCEIÇÃO, Victor Julereme Santos Da. PINHEIRO, Rafael Fernandes. **A complexidade cultural do movimento das danças urbanas, e seus métodos de ensino.** Bacharelado em educação física (TCC). Universidade do extremo sul catarinense – UNESC: Criciúma / Sc, 2014.
- Dantas, Paulo. **O poder revolucionário da dança.** A união, 2º caderno. João Pessoa, Paraíba, março de 2016.
- FERNANDES, Mariana. **Modo de ser e modo de usar.** Contraponto. Paraíba, julho de 2012.
- GONSALVES, Elisa. **A curva pedagógica.** João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2012.
- HOLZMANN, Liza. **História de vida e depoimentos pessoais**, in emancipação. v.2 n.1, 2009.
- LEAL, S. J. de M. **Acorda Hip hop!** Despertando um movimento em transformação. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2007.
- MESSIAS, Ivan dos santos. **Hip hop, educação e poder: o rap como instrumento em educação não formal.** Programa de pós-graduação em cultura e sociedade. Universidade federal da Bahia: Salvador, 2008.
- PISKOR, Ed. **Hip Hop: genealogia.** Revisão de Mateus Potumati, São Paulo: Veneta, 2016.
- PORTO, Natália Athayde. **A dança de rua em academias e escolas de dança em Porto Alegre: do início até a atualidade.** Bacharelado em educação física (TCC). Universidade federal do Rio Grande do Sul: Porto Alegre, 2010.
- QUEIROGA, Vanessa. **Dança na estação.** A união, 2º caderno. João Pessoa, Paraíba, abril de 2013.
- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira. **Relatos orais: do “indivisível” ao “dizível”,** in Ciência e cultura. São Paulo: n. 3, v. 39, mar. 1987.
- RIBEIRO, C, A; CARDOSO, R. **Dança de Rua.** Campinas, SP: Átomo, 2011.
- RODRIGUES, E. **A arte e os Artistas da Paraíba:** Perfis Jornalísticos. João Pessoa, PB: Universitária/UFPB, 2001.
- RODRIGUES, Isabelle Ingrid Freitas. **Criação em processo no espetáculo Ethnotron-Ghetto Experiment.** Programa de pós-graduação em artes cênicas. Tese (Mestrado), Universidade Federal do Rio Grande do Norte: Natal, 2014.

RUMBBLE KINGS. Direção: Shan Nicholson. Produção de Jim Carrey, Michael Aguilae, Cristina Esteras-Ortiz. Nova York: Sabouter Media, 2015. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=mDOsa\\_WhSxQ](https://www.youtube.com/watch?v=mDOsa_WhSxQ)> Acesso em: 13/12/2019.

SANTOS, Analu Silva dos. **Dança de rua: a dança que surgiu nas ruas e conquistou os palcos.** Bacharelado em educação física (TCC). Universidade federal do Rio Grande do Sul: Porto Alegre, 2011.

SILVA, Ana Cristina Ribeiro. **Dança de Rua: do ser competitivo ao artista da cena.** Programa de Pós-graduação em Artes da Cena, Mestrado. Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP, Campinas. Instituto de Artes, In: VIII Congresso da ABRACE. Universidade de Minas Gerais: Belo Horizonte, 2014.

SPOSITO, P, M. **A sociabilidade Juvenil e a Rua:** Novos conflitos e a ação coletiva na cidade. Artigo. São Paulo, 1994.

UGHINI, Andréa Bona. **Dança de rua como processo educativo estético com adolescentes em situação de vulnerabilidade social.** Programa de Pós-Graduação em Educação. Tese (Mestrado), Universidade de Passo Fundo: Passo Fundo, 2009.

VAZ, Valmir. **Entrevista Vozes da Dança.** Entrevistadoras: Bia Cagliani e Rafaella Amorim. João Pessoa. 2013. Vídeo MP4.

VAZ. Valmir. **Desvendando o Código - Vant Vaz (João Pessoa/PB) Edição especial Nordeste.** Entrevistadora: Priscila Patta. João Pessoa. 2014.

VAZ. Valmir. **Urbanus entrevista Vant Vaz.** Entrevistador: Dinho Zâmbia. João Pessoa. 2015.

Vaz. Valmir. **Ethnotron Trailer 2016 por Tribo Éthnos.** 2016.  
<<https://www.estudopratico.com.br/literatura-de-cordel/>> - acesso em 18/12/2019 10:56.

Zulu nation Vale do Paraíba. **A História do B.boy.** Disponível em:  
<[http://zulubreaking.blogspot.com/2008/10/histria-do-bboy\\_07.html](http://zulubreaking.blogspot.com/2008/10/histria-do-bboy_07.html)> acesso em: 18/12/2019.